

COLEÇÃO

VIAGENS NA FICÇÃO





www.chiadobooks.com

Uma Editora para todos!

Conjunto Nacional, cj. 205 e 206, Avenida Paulista 2073,
Edifício Morse 1, CEP 01311-300 São Paulo, Brasil

Rua de Cascais, 57, Alcântara – 1300-260 Lisboa, Portugal

Todos os direitos estão reservados e protegidos por lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Chiado Books, poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma.

Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada. Para mais informações contacte: comercial@chiadobooks.com

Para informações sobre envio de originais contacte: originais@chiadobooks.com

© 2021, Jair Alves Rosa e Chiado Books
E-mail: geral@chiadobooks.com

Título: A ponte para as estrelas
Editor: Vitéria Scitoni
Composição gráfica: Rui Revez | Capa: Iza Afonso
Revisão: Jair Alves Rosa

1.ª edição: Fevereiro, 2021
ISBN: 978-989-72-8782-6

Agradecimentos

Sou grato ao meu filho Jader, meu principal incentivador e motivador.

À ajuda inestimável de minha filha Vanessa, que materializou este trabalho.

À minha esposa Ivone e meu filho Jair, leitores críticos que muito auxiliaram.

“A última flor do Lácio, inculta e bela...

Lá nos idos da década de 1960, a escola pública tinha incontestável qualidade sobre as escolas particulares.

Eram mestres concursados, que venceram concursos rigorosíssimos para conseguir suas cátedras.

Até nós, alunos, tínhamos que prestar concurso para ingressar no ginásio.

Era raro, passar do primário para o antigo curso ginasial.

Antes, fazia-se o curso de “admissão ao ginásio”.

Minha geração teve o privilégio de estudar nessa década, com aqueles professores capacitados que nos transmitiam realmente o seu saber. Conseguiram nos influenciar para sempre.

Lembro com gratidão de um deles, chamava-se Reinaldo e era o professor de Português, um apaixonado pela nossa língua portuguesa.

Nunca mais esqueci o momento em que ele citou o verso aí em cima do poeta Olavo Bilac e nos explicou a origem de nossa língua.

Passei a desenvolver o gosto pela leitura, pela nossa gramática e o prazer de procurar escrever bem, com o mínimo de erros possível.

Ele nos instigava, propondo temas de redações dos mais variados assuntos. Ficávamos todos ansiosos pela próxima aula, pois as redações viriam corrigidas e a melhor nota, sempre era lida na frente da sala.

Mas a vida seguiu, construí uma carreira, constituí família, cursei inúmeros outros cursos, mas nunca com a qualidade daquele “ginásio”.

Já maduro, agora com mais tempo disponível, a antiga semente plantada por aquele professor germinou e comecei então a escrever contos, histórias, todas de ficção científica, minha preferência, como esta.

Pertenço à geração “pós-guerra”, nasci em 1946 e tivemos nossa infância, adolescência e juventude embaladas pelas grandes transformações que o mundo sofreu nas décadas de 1950, 1960 e 1970 e presenciamos o surgimento das inúmeras tecnologias desenvolvidas durante a guerra, como os primeiros aviões a jato, que começaram a sobrevoar o Brasil, para deleite da molecada, como aqueles meus inseparáveis amigos da infância e juventude, Oscar, Adilson, Bega, Pisok e Wilson.

Crescemos e formamo-nos em meio aos “Robôs” de Isaac Asimov, às “Vinte Mil Léguas Submarinas” de Júlio Verne, à “Máquina do Tempo” de H.G.Wells, ao “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley, às “Crônicas Marcianas” de Ray Bradbury, às “Areias de Marte” de Arthur C. Clarke, à “Revolução dos Bichos” de George Orwell.

E tudo isso entremeado ainda, com relatos constantes e muito convincentes de aparecimentos de “OVNIS” em várias partes do mundo e tudo isso culminando no final da década de 60 com o pouso do homem na Lua...

Jair Alves Rosa
São Paulo — SP — Brasil

Capítulo I – Europa, a Lua de Júpiter

Sentindo um suave tremor no leito, um som melodioso aumentando gradativamente de volume, o comandante William vai recobrando a consciência, após repousante período de sono programado.

Ergue a cabeça e presencia a imagem que se descortina pela janela. Uma alameda ladeada por duas fileiras de árvores frondosas, sacudidas por uma brisa leve e refrescante que chega até onde está, movimentando a cortina transparente de seu alojamento.

É sempre assim o amanhecer em Europa, uma das quatro maiores luas de Júpiter e a sexta maior do Sistema Solar. Não importa mais, se as janelas são hologramas que programamos com imagens de nossa preferência, janelas que transmitem todas as sensações das imagens projetadas, com perfumes, brisas e cheiros característicos.

Levanta-se e dirigindo-se com preguiça até a pequena escotilha, presencia outro espetáculo inimaginável para qualquer ser humano, alguns séculos atrás. Pairando em uma órbita estacionária, mantendo constante equidistância da superfície do satélite natural de Júpiter, a Estação Orbital Europa segue em seu voo em perfeita rotina.

Está em operação há cinco décadas e sua construção contou com as últimas inovações tecnológicas, destinadas à exploração de recursos naturais de Europa e, principalmente, a coleta e o estudo das estranhas formas de vida que foram detectadas no oceano salgado, abaixo de sua grossa capa de gelo.

Sua destinação também incluía servir de “trampolim” para outro salto no espaço e apoiar a construção de outra Estação mais avançada, a Titã, na órbita da maior lua de Saturno, de mesmo nome, a segunda maior do Sistema Solar.

Olhando a superfície de Europa, com suas linhas intrigantes, sua capa de gelo de menos -165°C , sua mente divaga sobre as últimas palavras ouvidas no jantar com seu pai, na noite anterior, quando de sua estada na Terra.

As viagens por tele transporte tornaram banais esses deslocamentos, tornando-os quase instantâneos. A teoria da relatividade, aceita como verdade desde muitos séculos, foi repensada e alterada pelos portais de tele transporte.

— *“Que diabos ele quis dizer com: — “tudo vem acontecendo na mais perfeita ordem há décadas, mas sinto que poderá acontecer um colapso em breve...”*. Afinal, seu pai, agora aposentado e apenas cuidando de amenidades, foi condecorado na ativa, afastando-se por tempo de serviço após alcançar alto posto na hierarquia da Frota

Espacial. — “*O que ele sabe? Tenho que conversar mais com ele.*”

Seus pensamentos são interrompidos bruscamente por três silvos agudos, indicando reunião de comandantes.

Cada um dos sete comandantes da Europa, tinham sob sua responsabilidade sessenta e dois membros entre engenheiros, químicos, bioquímicos, biólogos, astrofísicos, cobrindo vasta área do conhecimento humano. Cada comando, com seu esquadrão, era destinado a cobrir determinada atividade como manutenção, operações de navegação, segurança e ordem geral, logística interna, exploração e pesquisas científicas...tinha que apressar-se.

Passa um rápido olhar no pequeno painel de luz verde, acima da porta automática de seu alojamento e verifica as últimas atualizações:

- Temperatura ambiente.....22°C
- Umidade relativa do ar.....75%
- Distância média da Terra.....778.400.000km
- Distância média de Júpiter..... 716.900km
- Hora local.....07:08:31 hs
- Hora gmt na Terra.....06:33:56hs
- Data.....06/02/2396
- Quinta feira

O sintetizador ostentava um café já quase frio, que pedira automaticamente e se esquecera de tomar. Deu um último ajuste em seu uniforme, olhou mais uma vez para o painel: — “*07:15:13hs na Terra. Jade e as “crianças” deveriam estar dormindo.*”...pensou.

Saiu rapidamente, dirigindo-se a um dos elevadores que o levaria três andares acima, ao cérebro da Estação. — “*Haveria alguma novidade sobre aquelas últimas descobertas na superfície do satélite?*”

Capítulo II – Jade

Jade era uma engenheira nuclear experiente, perita em pesquisas relacionadas a radiação eletromagnética e sabia muito bem o que poderiam significar as várias idas e vindas de seu marido, comandando agora uma unidade militar, em serviço na Estação Orbital Europa.

A cada salto, o contínuo-espaço-tempo causava uma diferença de alguns micro segundos, deixando-a mais “velha” em relação a ele. Nunca se preocupara com isso, até hoje pela manhã, quando ouviu aquela frase jocosa de seu filho Pietro ao sair para a academia: — *“Mãe, se o pai continuar saltando muito tempo, um dia eu é que lhe darei conselhos...”*

Seus lábios se arqueiam num leve sorriso. Pensou nas brincadeiras que isso provocaria nas próximas reuniões de família.

Tamborilou alguns números no teclado virtual exposto em sua mesa de trabalho e imediatamente surge, numa projeção holográfica, a imagem de seu sogro, a quem carinhosamente, também chamava de pai.

— *“Que tal virem jantar novamente na sexta? — você começou um assunto que deixou todos alvoroçados. Quem sabe o William consiga dar uma escapadinha e venha também.”*

— *“Jade, você sabe que quem manda aqui é o “sargento”, não dou um passo sem sua autorização e ultimamente ela tem se queixado de um certo formigamento quando passa pelo tele transporte, mas deveremos ir sim, tenho que terminar aquela conversa das férias com o Pietro e com a Estefani...”*

— *“Tá bom pai, me avise, beijos...”*

Capítulo III – Matteo e Alana

A imagem bonita de sua nora naquela grande mesa de trabalho extinguiu-se com um “click”. Sentado em sua banquetta, ao lado de duas grandes telas de pesquisa, tentou continuar a vasculhar velhos documentos, imagens antigas, reportagens e documentos sobre acontecimentos já esquecidos pela sociedade atual, entorpecida pelos confortos e comodidades oferecidas pelos ultra modernos equipamentos de transporte, sintetizadores de alimentos, processadores de materiais, desintegradores... mas sentindo certo cansaço pelas horas que passou ali, levanta-se, espreguiçando-se demoradamente, absorto em um turbilhão de pensamentos.

— *“Vou tomar um café e conversar com o sargento”*...brincou.

Sentia-se em plena forma, apesar dos setenta e cinco anos.

A imagem projetada pelo holograma nas amplas janelas de seu gabinete de pesquisas, como gostava de chamá-lo, exibia um mar sereno, espalhando-se em uma areia branquíssima e uma brisa matinal reconfortante. Era a sua preferida. Desligou num comando de voz e instantaneamente o mundo real entrou através dos vidros transparentes.

A luminosidade atingia seu pico máximo neste momento do dia e inunda o ambiente. Parou um instante dando um último bocejo e, por alguns segundos, contempla a paisagem. Era possível, com essa claridade, visualizar as pessoas movendo-se lá embaixo, como formiguinhas entre os altos edifícios da Colônia. Ocupava o centésimo oitavo andar.

Levanta os olhos e, mais à frente, em vias predeterminadas, notou alguns veículos de transporte aéreo, dos mais variados tamanhos e formas, cruzando o espaço, silenciosos e em perfeita sincronia. Maravilhas conquistadas nos dois últimos séculos com os avanços e as novas descobertas da nanotecnologia e do eletromagnetismo.

Comanda a descida da película protetora e vai ao encontro de Alana. Certamente estaria na área de serviço, que ela apelidara simpaticamente de “quintal”. Lá era seu refúgio, uma dependência que realmente adorava estar.

Alana, mestrada em linguística e história da humanidade era ativa e perspicaz. Não tinha meias palavras. Mesmo após vários anos de aposentadoria não conseguia livrar-se do tom didático e autoritário em sua voz, fruto do longo período de magistério passado na academia.

Através da parede envidraçada, observa seu marido aproximar-se. Lembrou-se dos tempos de academia quando jovens, daquele último dia de aulas em que ambos já tinham seus caminhos traçados e talvez nunca

mais se cruzassem. Ele, inexperiente cadete que iria estagiar alguns anos no espaço e ela que iniciaria seu magistério numa academia a milhas de distância.

A longa amizade vivida nos bancos escolares nestes últimos anos foi se transformando em um sentimento maior e a antevisão dessa separação definitiva desencadeou a aproximação dos dois. Construíram suas carreiras e estavam felizes juntos, a cinquenta e sete anos.

Os olhos sagazes de Alana, observando a forma como se aproximava Matteo já previam o que iria se suceder. — *”Vai perfilar-se, bater os calcanhares e fazer uma desmesurada continência exclamando — “senhora sargento”.* Ela responderia a continência, séria. Depois ririam, como sempre.

— *”Ele vem pedir algo. Sempre faz assim, quando quer alguma coisa...”*

Capítulo IV – A destruição

Os anos anteriores a 2050 foram marcados como a idade negra da sociedade humana. A partir dos anos 2000 iniciou-se um processo de degradação moral e ética, principalmente das sociedades dos países subdesenvolvidos e em alguns já em vias de desenvolvimento, no terceiro mundo.

A inversão de valores, a sucessão interminável de governos corruptos, cooptados por instituições igualmente desqualificadas, o abandono e a derrocada do ensino público, a certeza da impunidade, pela omissão ou inapetência dos poderes judiciários e dos aparatos policiais, atingiu níveis alarmantes.

Os poucos centros de excelência do ensino ficaram reservados apenas à formação das elites e estas, fugiam do poder, deixando o caminho aberto para a eleição dos menos qualificados da sociedade, que, inapta, elegeu até assassinos e notórios representantes do crime organizado.

A par desse clima de degradação, o instinto predador do homem acabou culminando com o desequilíbrio dos ecossistemas.

O que a natureza levou milhares de anos para construir, foi aniquilado em algumas décadas.

Os inúmeros acordos internacionais para o desenvolvimento sustentável foram sistematicamente descumpridos e a continuidade da poluição do solo, do ar e das águas, condenou uma variedade enorme de espécies animais e vegetais à extinção. Os gases poluentes que aceleraram a degradação da camada de ozônio, os resíduos industriais, os metais pesados, chumbo, mercúrio, enxofre, o monóxido de carbono, a destruição das florestas, dos rios e lagos, dos mangues e brejos, das matas ciliares, comprometeram severamente toda a Biosfera e por consequência, a qualidade de vida do homem, que passou a conviver com o surgimento de doenças, epidemias e pandemias de toda sorte.

As primeiras passeatas, os comícios, as manifestações de apoio, através da grande mídia, extrapolaram as fronteiras, tornando os movimentos locais em algo maior, generalizado.

Iniciou-se um processo irreversível, que culminaria com o caos que se estabeleceu nos anos seguintes. Pequenos atos de vandalismo e depredações de órgãos públicos, praticados principalmente pelas chamadas milícias e por grupos do crime organizado foram gradativamente aumentando de intensidade e proporções.

A destruição total da estrutura social ocorreu a partir dos ataques sofridos pelas usinas hidrelétricas e termelétricas e posteriormente das

refinarias de petróleo.

Sem o maior e mais importante elemento de sustentação da vida naquela época, a energia elétrica, as sociedades começaram um rápido caminho de volta à barbárie. Cidades inteiras a mercê do lixo e das pragas foram sendo paulatinamente dizimadas. Hordas de saqueadores, fugitivos famintos e fanáticos de toda espécie, ávidos por violência, começaram a varrer os territórios, deixando um rastro de destruição, ignorando fronteiras, como um enorme tsunami.

Alguns países mais organizados, socialmente mais adiantados e geograficamente favorecidos pela maior distância dos centros conturbados demoraram mais para serem atingidos e tiveram oportunidade de se organizarem melhor. Porém, não ficaram ilesos.

As consequências da aniquilação do comércio internacional, das moedas, das comunicações, dos transportes marítimos e aéreos, transformaram em ilhas todas as comunidades sobreviventes.

Começou então, um grande movimento de interiorização, com o êxodo das populações em busca de locais mais seguros no interior de seus países e à fortificação de suas comunidades.

Vários desses aglomerados se organizaram e constituíram sociedades com regras primitivas de subsistência, que demandaram décadas para se desenvolverem. Porém outras, preservando tudo que podiam da cultura, dos costumes, das leis, dos conhecimentos tecnológicos, das conquistas até então conseguidas pela ciência médica, pela engenharia, foram se transformando em grandes e desenvolvidas colônias, isolando-se totalmente do mundo à sua volta.

Iniciou-se aí, um segundo grande movimento. O de exteriorização, pois atingido um tal nível de desenvolvimento, as colônias necessitavam buscar comunicação com o mundo exterior, com outras colônias, em busca de novos conhecimentos, de comércio, de segurança.

Esse intercâmbio facilitou as associações, a formação de conglomerados, a absorção das colônias menores por outras maiores e mais poderosas e as fusões, que propiciaram o surgimento das grandes colônias.

Todo esse processo de reorganização das sociedades ao redor do mundo perdurou por mais de um século, estendendo-se até o final do século XXI.

Essa foi a semente, a origem do modelo que estruturou a humanidade em “colônias”, que conservamos até os dias atuais.

Capítulo V – A Estação Orbital Europa

É magnífica a visão externa da Estação Orbital Europa, flutuando iluminada em contraste com o fundo negro do espaço. As centenas de escotilhas e luzes de sinalização cintilando intermitentes e as naves auxiliares em serviço a sua volta, dão vida e movimento àquela estrutura colossal.

A sua construção estendeu-se por mais de uma década, após a chegada da célula máter, do núcleo inicial, construído inteiramente na base permanente Antares, em solo Marciano.

A astronave Dédalos, que transportou o núcleo inicial da Europa até onde está, continuou depois a sua jornada, rumo a Titã, a maior lua de Saturno e a segunda maior do Sistema Solar, onde se transformou no núcleo inicial, a célula mater. da nova Estação Orbital Titã.

Os últimos avanços tecnológicos da nanociência, com o domínio da produção das nanoestruturas de Carbono, que possibilitaram a obtenção de metais e ligas mais puros, mais leves e de maior resistência foram nela empregados, além da utilização da união intermolecular de todas as partes, eliminando soldas, parafusos ou qualquer outro tipo de junções mecânicas. O resultado era um bloco único de metal cintilante navegando no espaço, executando um giro perfeito sobre seu eixo, produzindo a gravidade necessária aos seus tripulantes.

Ela era composta de um disco central, como uma grande roda, com seis andares de altura. Em seu centro, um corpo cilíndrico estendia-se por mais três andares acima e mais três andares abaixo, totalizando doze andares. Nos seis andares do disco central foram distribuídos os laboratórios de pesquisas, depósitos de materiais, hangares de construção, oficinas, centros médicos e enfermarias, refeitórios e salas de recreação.

O corpo central, cilíndrico é o coração da Estação. Os três andares inferiores abrigam as usinas de geração de energia e dos campos de força dos seus escudos protetores, unidades de propulsão para correções de rota, além de hangares de atracação para as naves auxiliares, equidistantes em todo o diâmetro. Destes, um é especial, a célula mater. da Estação, o núcleo inicial, o celeiro.

Lá encontra-se o grande portal de tele transporte, destinado prioritariamente ao trânsito de materiais entre a Estação e outras bases. Os seis andares intermediários compreendem o complexo de comunicações, alojamentos dos tripulantes e outro portal de tele transporte, este exclusivo para pessoas, com sua fonte de energia independente. Pode executar o salto simultâneo de até nove tripulantes

por vez. Era a porta, a grande ponte para casa.

Os três andares superiores do corpo cilíndrico central eram destinados às salas de reuniões das várias equipes, postos de observação e por último, a ponte de comando da Estação.

O futuro reserva para a Estação Europa, com a sua expansão, a missão de transformar-se numa grande colônia de humanos, com pesquisadores e suas famílias vivendo e trabalhando naturalmente. Todavia, o destino maior da Europa sempre será o de manter-se como uma base fixa, para abrigar tripulações inteiras, quando em trânsito, com destino a outras bases, como a Estação Orbital Titã e outras mais além, que deveriam também serem construídas.

O planejamento inicial fora definido pela união dos governos continentais e o comando da Frota Espacial, com o apoio de todos os setores científicos e industriais do Planeta, ligados à exploração espacial.

Embora o estágio atual da tecnologia humana já houvesse conquistado avanços notáveis com o desenvolvimento de motores fotônicos, de fusão nuclear, de plasma e estando a um passo da construção de motores movidos a antimatéria (já havia um, inclusive, pronto e que deveria ser testado na Europa, dentro em breve). Toda essa tecnologia passou a ter um papel coadjuvante, de apoio, efetuando com suas espaçonaves, apenas o transporte de materiais pesados ou de dimensões fora do padrão para o tele transporte.

O estágio atual de desenvolvimento dos portais de tele transporte permitem às tripulações, uma viagem tranquila e segura, à velocidade da luz, um deslocamento que nenhuma espaçonave poderia alcançar, sem considerar-se ainda, a desvantagem de uma viagem como essa em questões de tempo, gasto de combustível, riscos inerentes ao deslocamento no espaço e também a toda infraestrutura necessária à manutenção de vida dos astronautas.

Entretanto, descobriu-se que havia uma limitação quanto à distância e ao tempo máximos para viagens seguras de pessoas através dos portais de tele transporte. A prioridade do plano original então, passou a ser a da construção de estações orbitais, transformando-as em bases fixas, que serviriam para o salto das tripulações em trânsito.

As bases e colônias fixas existentes em solo Lunar e também em Marte e sua lua Fobos, foram as precursoras, seguidas das estações Europa e Titã. Orbitando no cinturão de asteroides, entre Marte e Júpiter, o planeta anão Ceres, também se transformou em base fixa. Embora pequeno, com diâmetro de pouco mais de mil quilômetros, possui atrativos para futuras explorações de seus minérios. Existem planos do Comando da Frota para colonizá-lo e transformá-lo em um ponto de apoio para as bases da Lua, de Marte e de Júpiter.

Esses são os primeiros “pilares” da grande ponte que o Homem deseja construir rumo aos limites do Sistema Solar para depois lançar-se através do espaço interestelar, buscando alcançar as vizinhanças de sua estrela mais próxima, Alpha Centauri, circundada por planetas parecidos com a Terra, que poderiam tornar-se novos abrigos para a Humanidade.

Capítulo VI – A Reunião de Comandantes

A reunião de comandantes transcorria tensa. Dali emanam as diretrizes que envolviam todas as operações da Estação. Com seus intercomunicadores embutidos em seus uniformes, todos podiam comunicar-se instantaneamente com qualquer subordinado.

O comandante Matheus, vigoroso ainda nos seus sessenta e quatro anos, afasta-se da mesa e dirige-se à parte oposta da sala. Aciona um pequeno dispositivo e a proteção externa da escotilha desliza suavemente. Apesar da rotina, nunca deixou de admirar este espetáculo. Ganimedes, a maior lua de Júpiter e também do Sistema Solar, reinava absoluta no espaço, numa órbita exterior à da Europa.

Com órbitas circulares quase perfeitas, Ganimedes e Calisto, esta a segunda maior lua de Júpiter propiciavam periodicamente uma conjunção com Europa, cuja observação era facilitada pelo movimento de rotação da Estação.

O que diria Galileu, nos idos anos de 1610, com sua rústica luneta, quando visualizou pela primeira vez estas quatro maiores luas de Júpiter, se pudesse antever agora, o Homem pisando e explorando as suas “luas Galileanas”!

— *“É linda essa conjunção, Matheus, também gosto de ver sempre que posso...”* diz o comandante William, chegando-se também junto da escotilha. Procuravam descontraírem-se alguns segundos, antes de voltarem à mesa, onde deveriam decidir o destino de alguns de seus homens. O comandante Matheus era o responsável pela logística de todas as operações externas.

Alto e corpulento, Matheus era originário de uma colônia que abrigou os povos dos antigos cantões da Península Ibérica, que possuíam vários dialetos próprios que foram se extinguindo ao longo de várias gerações, após o início da era conhecida como “da reconstrução”. Gostava de estudar História da Humanidade, fascinava-o tudo que pudesse aprender sobre os antigos países que compunham aquele mundo.

Quando nervoso, resmungava algumas palavras, que o tradutor instantâneo dos intercomunicadores não conseguia traduzir completamente, resultando alguns sons engraçados que eram motivos de brincadeiras e risos.

Ninguém sorriu, quando em meio aos impropérios, Matheus voltou a sentar-se à mesa.

— *“São seis agora, os homens que perdemos. Podemos dar como certo o seu desaparecimento. A base de apoio a que se dirigiam, relatou anomalias no raio condutor, com várias interrupções no fluxo, que*

coincidiu com aquela atividade anormal que também detectamos na superfície de Júpiter. Essa, com certeza, foi a causa da perda da nave auxiliar em que estavam...”

Katherine era uma cientista fria e calculista, responsável na Estação pelas pesquisas bioquímicas. Comanda equipes de outros tantos cientistas, distribuídas em cinco laboratórios. Seu conhecimento e especialização em ciências exobiológicas se tornaram lendários e a tornaram respeitada no meio científico. Dizem que foi escolhida para esta missão, por possuir uma capa de gelo tão impenetrável como aquela que cobre Europa.

— *”Comandante, diz, fixando os olhos friamente em Matheus...sei que sente muito a perda desses homens, porém estamos em meio a pesquisas científicas por demais importantes para sofrerem algum atraso. Não posso permitir isso. Temos quatro bases instaladas na superfície lá embaixo e uma delas necessita urgentemente a reposição de pessoal necessário à operação das sondas. Faça isso imediatamente, pois chegamos a um ponto na coleta dos espécimes que é crucial para a continuidade das pesquisas...”*

A detecção da existência de vida no oceano existente abaixo da camada de gelo de Europa, também em Ganimedes, a maior Lua do Sistema Solar e também em Titã, uma das Luas de Saturno foi uma das notícias mais aguardadas pela comunidade científica da Terra. De há muito que os estudos científicos apontavam para o fato de que a vida está disseminada por toda a Galáxia, tanto nas formas como conhecemos, como nas mais imprevisíveis e improváveis combinações químicas e de temperatura.

A busca frenética por formas de vida, propiciou evidências concretas da existência de fósseis, bactérias e organismos em ambientes inimagináveis pelo Homem. Porém, desde então, quando foram feitas as primeiras descobertas, a cerca de dois séculos e meio, a Humanidade descartou definitivamente a hipótese de encontrar vida “inteligente” no nosso Sistema Solar.

Com o desenvolvimento dos motores fotônicos, dos avanços na tecnologia dos tele transportadores e dos sintetizadores de alimentos, o Homem pôde finalmente, sonhar em visitar outras constelações.

Sibilando entre dentes, uma palavra sonora num daqueles dialetos, mas intraduzível pelo intercomunicador, Matheus, agora alvo de todos os olhares, responde:

— *”Comandante, dos seis tripulantes que perdemos, quatro eram biólogos de sua equipe, como deve saber....”*

— *”Sim, sim, no momento em que fui comunicada do acidente, providenciei imediatamente as suas substituições a nossa base em Terra.*

Até já recebi o DNA deles para cadastrar no teletransportador. Amanhã estarão aqui trabalhando!” finalizou com um olhar significativo para Matheus e com a arrogância que lhe era peculiar.

— *”Não quer saber quem eram os dois outros que os acompanhavam?”*

— *”Não, isso é de somenos importância agora. No momento, só o que me preocupa é quando poderemos enviar outra equipe para render os que estão na base.*

Todos à mesa estavam ansiosos pela resposta de Matheus, diante daquela mulher, que tratava os assuntos com a mesma frieza com que dissecava os espécimes que lhe chegavam às mãos. Seria ela capaz de algum sentimento?

— *”Comandante Katherine, sente-se e observe em sua tela, a mensagem que acaba de chegar e que estávamos aguardando, desde ontem.*

Todos voltam-se para as telas translúcidas à sua frente e leem inquietos aquelas palavras intrigantes:

“ COMANDO DA FROTA ESPACIAL

BASE OPERACIONAL TERRA

Srs. Comandantes:

Áudio examinado. Trata-se de uma onda eletromagnética em uma largura espectral que impossibilita ser a fonte proveniente de algum processo natural. É absolutamente certa a sua origem artificial. Recomendamos a imediata adoção das diretrizes básicas de segurança.

Dentro das próximas vinte e quatro horas enviaremos nosso observador, que ficará sob o comando da área militar.

Comodoro Robert. R. Vaughan “

Perspicaz como era e antevendo a possibilidade de uma excitante descoberta científica, Katherine, agora muito solícita:

— *”Comandante Matheus, nos dê os detalhes do que ocorreu, mas considere desde já, meu pedido para fazer parte de qualquer grupo de pesquisa que formarem...”* seus olhos se cruzaram por uma fração de segundo, mas o suficiente para Katherine sentir uma estranha sensação. Pensou já ter visto aquele olhar em algum lugar....mas onde?.

— *”Certamente, Katherine, certamente.”* E agora, dirigindo-se a todos:

— *”Comandantes, como sabem, sou responsável por todas as operações externas desta Estação. Recebo antecipadamente, qualquer relato sobre toda e qualquer atividade extra nave. Há dois dias,*

exatamente às 13:45:54hs, os operadores da sonda da base instalada na zona setentrional de Europa comunicaram a captura de um sinal quase inaudível, um pulso eletromagnético de baixa amplitude, constante, só captado graças a grande capacidade dos receptores da sonda, usados para localizar os espécimes que vimos coletando.”

— *”Como todos também sabem, estamos lidando ali, com profundezas abissais. Aquele oceano, que se estende por muitos quilômetros abaixo da crosta de gelo não se parece em nada com o que conhecemos. A escuridão é total, a água salgada é de densidade altíssima, a pressão é descomunal e nas profundidades mais baixas, torna-se um líquido tão denso que é como se fosse sólido.”*

— *”Duas de nossas sondas foram esmagadas como esponjas, quando tentamos ultrapassar os sessenta mil metros. Pois bem, o sinal foi captado, quando a sonda passou por uma pequena faixa, na profundidade de cinquenta e cinco mil metros. O sinal desaparece acima e abaixo dessa pequena faixa e ele vem de uma única direção.”*

A excitação na mesa é generalizada, todos, quase em uníssono, pedem.

— *”Comandante !, pode nos reproduzir esse som ?*

Com alguns toques em sua tela translúcida, Matheus responde:

— *”Está disponível agora, senhores, ouçam.”*

Embora Matheus tenha amplificado ao máximo, o som era mesmo quase inaudível, mas destacava-se dos demais sons captados pelo seu ritmo constante, uniforme, semelhante a um sinal codificado. Seria? ...

Faruk tinha o olhar impenetrável. Suas emoções, se é que as tinha, eram reservadas. Nunca demonstrava em sua voz, sempre uníssona, o menor sentimento. Mas era competente em suas funções, cuidar da Estação como se fosse sua casa. Não se sabia, até então, de nenhum erro que houvesse cometido. Cultivava com primor um vasto bigode pontudo, costume a muito abolido pelos homens. Trazia ainda em seu DNA os sinais marcantes de sua ascendência árabe. Sentia orgulho e fazia questão de ostentá-los.

Faruk e seus comandados cuidavam de toda a segurança interna da Estação.

Fixando seus olhos metálicos em Matheus e com um leve tremor em uma das pontas do seu bigode, pergunta:

— *”Devo implantar a diretriz básica já?”*

— *”Faruk, numa situação destas, a primeira providência que nossas diretrizes básicas ordenam é passar ao comando militar toda a responsabilidade pela condução dos trabalhos. Portanto, daqui para a frente, o comandante William é quem assume.”*

William mantivera-se todo o tempo silencioso em seu lugar, lendo

alguns dados em sua tela translúcida, enquanto Matheus falava, repassando os momentos tristes com a perda recente dos homens e, especialmente, aqueles dois de sua equipe, que conhecia muito bem e que foram designados para levar até a base, aquele decodificador ultrasensível, que também se perdera com o acidente.

Lembrava como tinha sido difícil o envio das mensagens às suas famílias em Terra. Há muitos anos não tinha perdas assim. Era astrofísico, educado em rígida disciplina militar, mas em seu íntimo era um homem sensível e emotivo, embora nunca demonstrasse suas emoções quando em serviço.

Tinha de superar tudo isso e voltar sua atenção para a grande tarefa que deveria ocupá-lo dali para a frente.

Sua mente era ágil, versátil e tinha a habilidade de processar vários assuntos paralelos. Ao mesmo tempo que lia os dados em sua tela, pensava na morte dos seus homens, também ouvia toda a conversa de Matheus.

Ao ouvir a menção de seu nome, voltou toda a atenção para as pessoas ao redor da mesa. Olhos ansiosos e inquiridores o fitavam, aguardando respostas.

Encontrou os olhos negros de Faruk que aguardava, com uma sobrelanceira arqueada.

Sempre que olhava para Faruk, vinha-lhe associada a imagem dele montado num cavalo árabe, vestindo uma túnica branca, de turbante e brandindo uma enorme espada curva, a cimitarra. Sempre sorria com isso, mas desta vez, sério:

— *“Comandante Faruk, só estou aguardando a chegada do decodificador que foi perdido no acidente, para iniciarmos os trabalhos de pesquisa naquela base. Com o início dos trabalhos, a diretriz básica de segurança deverá entrar imediatamente em vigor.”*

— *“Até as 15:00 hs, o decodificador terá chegado e pretendo enviá-lo à base ainda hoje. Portanto, avise toda a tripulação sobre isso e estabeleça um prazo até às 24:00hs para as transmissões com suas famílias, substituições de praxe e trânsito de materiais e suprimentos.”*

— *“A partir daí, todas as operações de tele transporte para dentro ou para fora da Estação ficará bloqueado, por tempo indeterminado, pelo menos até sabermos com o que estamos lidando.”*

Ao dizer essas palavras, uma centelha de pequenos fragmentos de imagens passa em sua mente...o semblante inteligente de sua esposa...o sorriso gostoso de seu filho Pietro, Estefani sempre perguntando alguma coisa...os cabelos grisalhos de seu pai e de sua mãe...

— *“Comandante, sabemos há séculos que não há a menor possibilidade de vida inteligente em todo este nosso sistema, portanto,*

esses sinais não poderiam ser de alguma antiga sonda nossa mesmo? Afinal, nos séculos passados foram lançadas centenas dessas sondas e algumas delas ainda devem vagar pelo espaço... ”

— *”Katherine, detectamos esse sinal a 55 km de profundidade! e, pelo que sabemos, a tecnologia anterior à nossa na Terra, não construiu nenhum artefato que pudesse perfurar os mais de 16km de crosta de gelo e suportar a enorme pressão daquelas águas. Além disso, seja lá o que for isso, está transmitindo esse sinal a séculos, talvez milhares de anos. Que energia utiliza?”*

— *”Só em tempos recentes, pudemos desenvolver algo parecido com “energia perene”, como você bem sabe...”*

Em meio a essas palavras, os olhos argutos de William não deixaram de perceber, por uma fração de segundo, um sutil tremular nas imagens das telas à sua frente e nas projeções holográficas acima do centro da grande mesa.

Com ligeiro movimento no intercomunicador, interpela:

— *”Ponte, algo de anormal com nossa energia?”*

— *”Comandante, capitão Gerhard falando, tivemos uma espécie de interferência em nosso campo de força. A origem, é quase certo, provém daquela grande tempestade na atmosfera de Júpiter, que estamos monitorando a alguns dias.*

— *”Os dados nos revelam que a superfície do Planeta neste momento é varrida por ventos de mais de oitocentos quilômetros por hora em torno do ciclone maior.*

— *”Dentro de aproximadamente três minutos, ele passará para o outro lado do Planeta, ficando oculto pelas próximas nove horas e trinta minutos...”*

— *”Capitão, como estão os níveis de radiação nos escudos defletores?”*

— *”Bem mais altos nestas últimas horas e, essa elevação está associada com a aproximação do vórtice da tempestade anticíclica.”*

— *”Capitão Gerhard, avise-me imediatamente sobre qualquer alteração nesses níveis de radiação, pois tenho que enviar uma nave auxiliar até a base quatro.”*

— *”Avisarei, comandante”*

Aquelas informações o preocupavam. Os escudos resistiriam? Nenhuma espécie de vida sobreviveria a essa radiação e os níveis já eram alarmantes a dois dias atrás. Além disso, teria que escalar outros tripulantes para descer o equipamento até a base.

Outro pensamento o aflige. Teria sido mesmo essa tempestade a causadora do acidente? — *”Precisamos apurar e tomar todas as precauções com a nova missão.”*

A imagem de Jade voltou-lhe à mente. — *”tenho de avisá-la, desta vez vou demorar...”*

— *”Antes de encerrarmos, gostaria de pedir ao comandante Akira, responsável por todo o nosso sistema de dados, que faça uma varredura completa. Essa interferência que sofremos, poderia ter ocasionado algum dano nos sistemas?”*

O comandante Akira, retraído como de costume, responde rápido:

— *”Dentro de uma hora terá meu relatório, comandante.”*

A comandante Jeniffer não tivera uma participação efetiva na reunião. Era engenheira especializada em físico-química molecular e destacou-se na carreira tornando-se expert em projetos de biosferas independentes. Alguns de seus trabalhos foram premiados com louvor.

Quando a convidaram para integrar a equipe da Estação Europa, não titubeou. Era a grande chance de aplicar todo o seu conhecimento. Ficaria responsável por todos os sistemas de suporte à vida utilizados na Estação, com a reciclagem total da água, do ar, dos rejeitos. Tudo é reaproveitado.

Jeniffer é uma mulher imponente, mas de aparência serena, cabelos encaracolados, herança de sua origem negra, mas já bastante miscigenada. Beirava os cinquenta anos, mas era alta, esbelta e muito atraente.

Tinha algo que julgava importante para dizer na reunião, mas diante da magnitude do assunto que polarizou as atenções, resolveu realizar mais algumas análises para confirmar aquela anomalia que pensava ter encontrado no sistema de reciclagem da água.

Conversando aos pares, os comandantes caminham em direção à porta, que desliza com um leve ruído. Antes de transpô-la, William levanta os olhos e observa no painel de luz verde: — 08:15:19hs — hora da Terra. Lembra-se novamente de Jade. — *”vou enviar uma mensagem, já.”*

Volta-se para Matheus, ao seu lado:

— *”Matheus, é possível reforçar o campo de força da nave auxiliar?”*

— *”Vou ver, nunca fizemos isso.”* Faz um leve aceno para William e vai apressado atrás de seus afazeres.

— *”Como seria bom trocar umas palavras com Jade agora...”* pensou. Mas era algo inviável sabia, pois a resposta ao seu “olá”, chegaria mais de uma hora depois. O diálogo era impossível.

Apesar dos potentes emissores de ondas ultrassônicas, de que era dotada a central de comunicações, estavam a mais de trinta minutos da Terra, à velocidade da luz. O que tinha que fazer então, era enviar a mensagem padrão, compacta, dizendo tudo de uma vez.

Pensando no que dizer, segue pelo amplo corredor, dirigindo-se a um dos elevadores que o levará três andares abaixo, à Central de Comunicações.

Capítulo VII – A Rotina de Jade

Jade trabalhava com afinco. Dedicava-se de corpo e alma aos estudos e pesquisas relacionadas ao projeto em que estava empenhada. Possuía uma dependência de trabalho em casa e poucas vezes deslocava-se até a Unternehmen Der Elektrotechnik, a poderosa corporação de empresas da qual era funcionária, ou UEE, como simplesmente a chamava. Acabara de ser comunicada sobre uma reunião em que deveria comparecer nesta mesma tarde, às 15:00:00hs.

Sempre que William se ausentava por períodos longos em suas missões, mais ela se isolava em seu trabalho. É para não me preocupar demais, dizia ela. Olhou para o relógio: 08:52:48hs.

— ” *O que estaria acontecendo com ele naquele momento?* “... pensou.

Recebera a poucos instantes, o comunicado oficial do Comando da Frota, que tinha como praxe informar as famílias dos Comandantes em missão, quando acontecia qualquer ocorrência fora da rotina. Voltou-se à tela e releu-o:

“Drª Jade,

A missão Europa, da qual seu marido faz parte, detectou um sinal desconhecido, durante a sondagem no interior do Satélite. Toda a atenção da equipe da Estação Europa agora, estará voltada para identificar a fonte do sinal.

Enquanto perdurarem os trabalhos, segundo o regulamento, toda a tripulação deverá permanecer na Estação. Receberemos relatórios periódicos e manteremos as famílias informadas.

Esta informação ainda é restrita e não deve ser repassada. O Comando da Frota fará um pronunciamento oficial em breve.

Comodoro Robert R. Vaughan”

Conhecendo bem seu marido, ela sabia que William lhe enviaria uma mensagem, antes de confinar-se na missão. Tentou voltar ao trabalho, interessar-se novamente pelas equações a sua frente, rever os resultados das performances daquele supercondutor com a nova liga de metal desenvolvida pela UEE em solo Marciano.

— ”*Qual seria o motivo da reunião daquela tarde?*” Pensa. Não sentia nenhuma vontade de sair de casa hoje, não antes de comunicar-se com William. Estava apreensiva, sua mente divagava com fragmentos

simultâneos de lembranças...jantar com Matteo...metal...usar...robô?... quanto tempo ausente?...férias...adiar novamente...

Volta à realidade num sobressalto com aquele leve ruído em sua mesa de trabalho. Digita um código e seu rosto é iluminado pelo holograma que se abre em sua frente.

Sentado em uma poltrona cinza, com inúmeros comandos luminosos ao fundo, observa a imagem de seu marido, tornando-se cada vez mais nítida. Repara no mostrador verde ao fundo: 08:59:16hs, compara com o seu: 08:25:41 hs. Emociona-se ouvindo sua voz novamente:

— *”Jade, se o regulamento foi seguido, o Comando da Frota já deve ter-lhe comunicado sobre o que estamos enfrentando. Ainda não começamos os trabalhos e não temos a mínima ideia do que pode ser. Talvez uma grande descoberta ou também poderá ser uma enorme decepção.*

— *”Quero que permaneça tranquila e transmita isso para os nossos. Ficarei bem, estamos seguindo todas as normas de segurança. Só não sei quando voltar. Muitos beijos. Saudades...”*

Gesticulou um sinal, um código que somente Jade e ele sabiam seu significado e sua imagem desvaneceu-se no ar.

Ela estava acostumada com a formalidade de William em suas mensagens particulares quando estava em alguma missão. Era reservado, nunca demonstrava suas emoções ou alguma fraqueza quando vestia aquele seu uniforme azul. Mas aquele sinal !, o código secreto deles, a fez sorrir e desejar estar com ele agora.

Aprumou-se no assento, ajeitou os cabelos de uma forma especial (era a resposta ao sinal secreto de William), digita seu código e começa a gravar sua resposta.

Ao contrário dele, suas mensagens eram sempre calorosas, recheadas de novidades do dia a dia, dos filhos, dos pais, do que estava fazendo. Esforçava-se para transmitir ao marido um ar de normalidade, de tranquilidade, de amor e carinho. Era a sua forma de encorajá-lo. Sabia que ele gostava de vê-la assim.

Pronto. Disparou sua mensagem, que só seria vista por William, mais de trinta minutos depois.

Tinha total confiança em seu marido, sabia que era competente em seu trabalho e desejou ardentemente que ele regressasse logo para casa. Tinham muito que conversar. — *”mas o que era aquilo que encontraram”?* pensou.

A preocupação com a reunião à tarde a fez voltar ao trabalho. Resolveu concentrar-se, como sempre fazia nessas situações.

A UEE desenvolvia simultaneamente vários projetos, inclusive alguns de natureza sigilosa para o Governo Central, que eram de

conhecimento de poucos de seus funcionários. O projeto todo era fragmentado em diversas partes que eram distribuídas aos seus vários cientistas ao redor do mundo, que assim, não tinham acesso ao produto final.

Jade colabora atualmente em um projeto aberto da UEE que consistia no desenvolvimento de portais de tele transporte, dotados das mesmas tecnologias dos grandes portais coletivos, porém reduzidos e de utilização individual.

A UEE vem há muito propagando que em breve qualquer lar poderá dispor desses portais que funcionarão como se fossem “portas de saída” para qualquer lugar do Planeta.

— *”Não deve ser este o tema da reunião, ainda estamos equacionando os últimos ajustes”*, pensou, enquanto se põe de pé e encaminha para uma outra mesa de trabalho, meticulosamente arrumada, com vários desenhos, folhas de cálculos, rascunhos referentes ao projeto no qual estava colaborando. Tudo disposto e organizado de forma rigorosamente geométrica.

Capítulo VIII – A Corporação UEE

Os gigantescos tentáculos da UEE abrangem as mais diversificadas atividades humanas, desde a engenharia na área médica em que constrói toda sorte de servos mecanismos, implantes, órgãos artificiais, cirurgia robótica, visão artificial, nano máquinas, robótica, passando pelos sintetizadores de alimentos, os desintegradores, os processadores de resíduos, até o desenvolvimento de ligas especiais de metais para a área espacial.

Possui Divisões em todas as grandes Colônias do Planeta, laboratórios de pesquisa em solo Lunar e uma grande unidade de siderurgia no solo Marciano, onde produz as mais puras ligas metálicas. Seu lema é constantemente visto em todos os lugares: — “Mais de três séculos dedicados à ciência e ao desenvolvimento”.

À cerca de cento e oitenta anos, com o aperfeiçoamento dos novos supercondutores, que operam acima da temperatura crítica, tornando possível a levitação magnética, foi a primeira corporação responsável pela construção do veículo de propulsão magnética ou “fahrzeug antrieb Magnetischen”, ou VPM, como passou a ser chamado.

Gabava-se de, assim como nos primórdios da civilização, a descoberta do uso da roda propiciou o avanço da humanidade, a sua eliminação, após o VPM, traria um impulso ainda maior para o Homem.

De fato, esses veículos, dotados com os últimos avanços da nanotecnologia de ponta que dominou as imensas forças da energia magnética, erradicou por completo o uso da roda na face da Terra.

Após a criação desses motores limpos, silenciosos e dotados de força descomunal, nada mais circulava sobre rodas.

Os transportes de massa atuais, dotados de células cilíndricas que deslizam no interior de tubos dotados de campos magnéticos, sem contato com qualquer superfície, atingem velocidades incríveis, interligando numa grande malha, todos os pontos da Colônia, bem como também interliga as Colônias entre si.

Era porém na mecatrônica e na robótica os principais progressos que vinham sendo conquistados pela UEE. As gerações de andróides se sucediam, sempre aprimorando as anteriores.

O que se poderia esperar do futuro com esse progresso vertiginoso da robótica? Imprevisível. São temas constantes em toda a sociedade, assuntos como a substituição paulatina que vem sucedendo em todos os campos de trabalho, de humanos por andróides inteligentes. Todos os órgãos vitais do ser humano já foram produzidos artificialmente e são corriqueiramente utilizados nos procedimentos médicos, prolongando a

*image
not
available*

geral como chamava. Forradas do teto ao piso de mapas antigos e atuais, gravuras, imagens projetadas de momentos importantes de sua família, como aquela no centro com o seu clã todo reunido. As paredes ostentavam um colorido diversificado, como um grande quebra cabeças.

No centro da sala estava a grande mesa de comando, o cérebro eletrônico de todo o sistema, com seu conjunto de teclas virtuais.

Jade fazia questão de arquivar tudo que achava importante. Com pequenos toques, podia acessar o noticiário de todo o Planeta, publicações científicas de seu interesse, livros e revistas de diversas épocas. Tudo projetado numa grande tela translúcida na parede à frente, ou se preferisse, holograficamente onde quisesse.

Notou vários documentos sobre a mesa, alinhados simetricamente e dispostos de uma forma que sabia ser a marca registrada de Rhina. A princípio ela lhe pedira para consultar sua biblioteca nos intervalos de trabalho, e quando consentiu, percebeu até uma certa “emoção” no agradecimento.

Jade observou uma sensível melhora em sua performance no trabalho, pois era notória a sua ansiedade por executar rapidamente suas tarefas e depois mergulhar no mundo de informações que estava a sua disposição.

Seus dedinhos ágeis e seus olhos ávidos tinham interesse por tudo, por qualquer segmento da cultura humana. Jade já a tinha visto processar a leitura de um tratado inteiro de arqueologia e paleontologia com o mesmo interesse em que processava ensaios sobre mecânica quântica, computação DNA, compêndios de física e química, além de literatura de qualquer época.

Rhina, após cada imersão naquele mundo novo, sempre trocava umas palavras com Jade, ora fazendo alguma pergunta, ora comentando algo que assistira ou tenha lido.

— *Dr^a Jade, admirável alguns humanos do século XX terem escrito fatos e descrito paisagens em seus livros, que só seriam vistas ou comprovadas alguns séculos depois, muito curioso, eram videntes?*

— *O que você leu Rhina?*

— *Acabei de processar toda a obra de dois humanos daquele século, Isaac Asimov e Arthur C. Clarke.*

— *Não Rhina, não eram videntes. Eram gênios visionários que tinham de adaptar às suas histórias uma realidade que ainda não existia. Esse gênero de literatura chamava-se “ficção Científica” e era muito popular naquela época.*

— *” Ficção Científica”, raciocinou Rhina, vou processar tudo que encontrar sobre isso....*

Mesmo para uma androide de última geração como Rhina, a fonte

*image
not
available*

indica a chegada de uma mensagem. Com um toque, Jade verifica sua origem: Matteo.

Digita seu código e o holograma se materializa à sua frente, com a imagem de Matteo ao lado de Alana, que com um suave movimento dos lábios lhe acena um beijo.

— *Jade, essa mensagem que recebemos do Comando da Frota, com certeza não nos diz tudo que sabem. Devemos nos preparar para uma ausência bem maior do William. Tenho minhas ligações lá dentro, você sabe. Andei perguntando aqui e ali e pude sentir uma “euforia” fora do comum nas altas esferas do comando.*

O tal “sinal” que analisaram deveria ter mais coisas do que comentaram...já sei também que nas próximas horas o Comando divulgará mensagem para toda a mídia do Planeta, pois o assunto extravasou através dos parentes que foram comunicados e já despertou grande alvoroço nos meios de comunicação em busca dos fatos verdadeiros.

— *Pai, já desconfiava tratar-se de algo mais importante do que disseram. Em sua mensagem, William me disse: “que não sabia quando voltar”. Nunca havia usado uma frase assim antes. Parecia estar com muitas dúvidas.*

— *Preciso que venham para cá, gostaria de tê-los aqui quando conversássemos com o Pietro e com a Estefani. Vão ter muitas perguntas.*

— *Vamos sim, Jade, queremos estar aí na sexta-feira. Só falta a minha “superiora” aqui (fez um sinal com o polegar apontando para Alana), determinar a forma da viagem. Por causa daquele tal “formigamento” está querendo ir até de VPM, imagine !. Com mais de nove mil quilômetros nos separando até aquelas “balsas”, levaríamos quase um dia inteiro viajando. Teríamos que sair daqui na quinta-feira, isto se eu conseguir as autorizações que são necessárias.*

— *Sei, pai, Alana deve ter suas razões. A viagem com esses veículos pode ser muito agradável e segura, o único inconveniente é o tempo, mas vocês poderão vir descansando, lendo, trabalhando, ou simplesmente curtindo a paisagem. Seria até romântico....*

— *Ora, Jade, em plena era do tele transporte, fazer uma viagem de mais de nove mil quilômetros dessa forma é algo ultrapassado, antigo. Só se faz isso para curtir férias. Aliás, era isso que eu iria combinar com vocês.*

— *Ah, então era esse o assunto da conversa com os “meninos”?*

— *Era isso. Planejava a muito tempo passar uma semana inteira viajando, com todos reunidos, num grande VPM. Tinha até escolhido alguns destinos que sei que adorariam.*

*image
not
available*

dirigir-se ao gabinete de trabalho, mas antes, surpreende Jade mais uma vez, dando dois leves toques em seu ombro com a pontinha dos dedos e afasta-se, com um andar sedutor.

Jade permanece estática. Mil pensamentos percorrem seu cérebro como centelhas elétricas...*e ela até rebola!*

Recompõe-se rapidamente. Dá uns passos em direção ao largo corredor que interliga os vários aposentos da casa. A sua parte central é tomada por uma grande janela retangular, com grossos vidros que exibem o mesmo holograma programado por William em seu alojamento na Estação.

Ali no canto onde se encontrava, por várias vezes ficara ao lado dele, observando o espetáculo que iria presenciar agora, só.

Com um comando de voz “apaga” o holograma e em seguida descerra a proteção externa, que desliza lentamente para a esquerda, descortinando uma visão magnífica da Terra, lá embaixo, com o seu azul característico e as inconfundíveis manchas brancas das nuvens, em vários formatos.

A Lua, com sua face brilhante, encontrava-se agora com uma pequena parte coberta, em trânsito por detrás do Planeta.

Dirigindo o olhar mais à direita e abaixo, pôde acompanhar os últimos procedimentos de atracagem de uma das grandes naves responsáveis pela ligação entre o continente e a Colônia Orbital Flórida, onde mora.

Muitos se referem àquelas naves chamando-as de “balsas”, fazendo menção ao antigo meio de transporte que ligava o continente às ilhas. Outros, mais jovens, as chamam de “elevadores”, devido fazerem o percurso verticalmente, usando o raio direcional como guia.

Ao seu comando, a proteção externa começa a mover-se para a direita, encerrando aqueles momentos que tirara para refletir. Restabelece o holograma e dirige-se lentamente para o seu aposento, com vários fragmentos de pensamentos a revoar em sua mente.

Sente-se segura e liberta em seu quarto, com uma sensação de bem estar e aconchego. Pede uma penumbra e um som melodioso com um comando de voz. Precisa descansar um pouco.

Ajusta o cinto magnético em seu corpo, programa sessenta minutos de repouso e deita-se, espreguiçando-se deliciosamente. Sente seu corpo elevar-se alguns centímetros do leito e agora, livre dos efeitos da gravidade, sente-se flutuar e deixa seus pensamentos fluírem...lembranças de momentos com William...a viagem de Matteo...reunião...a surpreendente Rhina...uma pequena vibração em seu corpo e entra em sono profundo.

*image
not
available*

contratar alguém para fazer esse serviço.

— Ah, tem outra coisa também, mãe e pai, soube que o Comando da Frota esteve aqui reunido horas antes com nossos presidentes e ficou decidido que farão um pronunciamento ainda durante o dia de hoje. Parece que algo de anormal está ocorrendo lá na Estação, mas não pude obter informações mais precisas, temos que esperar esse pronunciamento deles.

— A reunião já vai começar, adeus, falamos mais tarde. Beijos...

*image
not
available*

sobreviver da maneira antiga, caçando, pescando, colhendo o que for possível pelo caminho. Assim pensando, Jerome coloca uma das armas na cintura e começa a movimentar-se para fora daquela área devastada pelo acidente do VPM. Ouve novamente um urro de algum animal feroz, agora bem mais próximo de onde estava. Instintivamente, leva a mão à cintura e segura sua arma. Sentia-se mais seguro e confiante de que poderia enfrentar qualquer animal que o atacasse.

...Puxa! mas que cheiro nauseante é esse? Olhando ao redor, procurando pela fonte daquele forte odor acre, azedo, verifica que está bem na divisa de uma fileira de árvores gigantescas, espaçadas simetricamente até onde podia enxergar, carregadas com um fruto amarelo, que não conseguiu identificar. Os que caíam maduros, apodrecem no solo, exalando aquele cheiro enjoativo.

...agora tenho certeza. Isto aqui era uma antiga fazenda de cultivo de alimentos para as Colônias. Esses frutos devem ser comestíveis. Tenho de verificar...

Os frutos estavam a uma altura considerável e a dificuldade para escalar uma dessas árvores era impensável para Jerome. Passa alguns minutos pensando no que fazer...precisava daqueles frutos. Vasculha no baú magnético e encontra uma arma longa, para distâncias maiores, semelhante aos antigos rifles.

...este servirá. Vou tentar cortar um dos galhos cheios de frutos...um que não estiver muito alto, para que não se estraguem na queda. Mira num deles, a cerca de vinte metros do chão e, com um movimento perfeito, aciona a arma que emite um raio fulminante, cortando o galho bem na junção com a árvore. Estava carregado com mais de 30 frutos grandes e maduros e cai com grande estardalhaço. Jerome se aproxima, nunca tinha visto nada parecido. Saca a faca e corta um pequeno pedaço daquele fruto amarelo e fibroso. Ao sentir o cheiro do fruto fresco...

...lembro desse cheiro. O sintetizador processava esta fruta em forma de sucos, fatias e nas mais variadas formas. Mas nunca o vi inteiro. Será mesmo Manga esta fruta aqui? levou à boca aquele pedaço que segurava, e deleitou-se com o sabor inconfundível daquela fruta tropical, grande como um melão.

Acomodou alguns frutos no baú magnético e partiu em busca de um refúgio seguro para passar a noite que já se avizinhava. Sentia dores e mancava muito, mas agradeceu por não ter que arrastar o pesado baú atrás de si. Decidiu que rumaria sempre para o norte, pois deduziu que estava em uma zona tropical, propícia para cultivo de frutos como os que colhera.

...preciso encontrar alguma fonte de água limpa, perdi todo o reservatório na explosão. Sem uma limpeza nesses ferimentos, é certo

*image
not
available*

movimento de rotação, aliado a algum outro fator variável, têm provocado alguns pontos “cegos” nas comunicações. Veremos isso depois.

Aproximava-se rapidamente do portal de entrada do Laboratório de Jeniffer. Com um movimento ágil, salta da plataforma e encaminha-se para a entrada. A luz verde do scanner o rastreia de alto a baixo e a porta abre-se em seguida.

Jeniffer vem ao seu encontro demonstrando muita preocupação.

— *Comandante, precisamos iniciar imediatamente. O que tenho que demonstrar-lhes não pode mais ser adiado. Arrependi-me tremendamente de não ter comunicado esse fato na reunião da manhã.*

— *Certo Jeniffer, vejo que todos já estão aqui. Peço-lhe somente mais uns segundos, para comunicar-me com nossa equipe na superfície. Se preferir, pode ir dando início ao assunto.*

Afastando-se do grupo, aproxima-se de uma pequena escotilha circular, por onde podia ter uma diminuta visão da área externa da Estação e também uma pequena porção do espaço. Teve um momento de admiração e êxtase quando divisou no fundo negro, logo acima do emaranhado de antenas da Estação, a circunferência perfeita e prateada de Europa, tendo atrás, como pano de fundo, a soberba presença de Júpiter, com suas nuvens marrons, suas manchas revolteando num redemoinho infernal, girando vertiginosamente em seu eixo em menos de dez horas! Desvia o olhar e com leves toques no intercomunicador estabelece contato com seu pessoal na superfície.

— *Tenente Roberto falando...*

— *Tenente, como estão os trabalhos com o sensor?*

— *Desculpe, comandante, tentamos falar-lhe a alguns minutos para relatar-lhe que estamos terminando a instalação do sensor na proa do submersível.*

— *Qual a previsão, tenente.*

— *Mais cinco minutos, senhor.*

— *Tão logo termine essa operação, em seguida já fica autorizado a acionar os Lazeres de perfuração da crosta. Lembre-se de que tudo deverá ser monitorado, gravado e transmitido para nossa Central.*

— *Correto, comandante.*

— *O tenente Sergei está a postos?*

— *Sim, ele relata que todos os sistemas estão perfeitos e a pilotagem remota do submersível ocorrerá como o previsto.*

— *Bom trabalho, senhores. Aguardo próximo relatório. Desligo.*

Volta-se para dirigir-se ao centro da sala, onde Jeniffer, já com todos os aparelhos e telas translúcidas ligadas dá algumas instruções ao seu pessoal. Notou que os olhos negros de Alyssa o fixavam, interrogativos.

*image
not
available*

Jeniffer estava agora ofegante, ansiosa por demonstrar a última etapa daquelas análises, compartilhar tudo, para depois passarem urgentemente às medidas em busca das soluções possíveis.

— *O que vêm na tela, senhores, faz parte de um processo que demora algumas horas. Por isso, vou acelerar essa gravação, para termos uma visão rápida do que ocorre com as células. Um pequeno tremular na imagem e agora o movimento das células torna-se nítido. Aproximam-se e finalmente tocam-se, iniciando de imediato um processo osmótico.*

— *Vejam agora, explica Jeniffer com voz agitada: nesta primeira fase, por endosmose, a célula B retira tudo que necessita da célula “normal” e, na fase seguinte, por exosmose, passa tudo o que não precisa mais, os resultados dos processos metabólicos, os rejeitos, transformando a célula “normal” num verdadeiro saco de lixo.*

— *Agora, o mais preocupante, elas se reproduzem sistematicamente, como podem ver a seguir, onde, utilizando-se apenas do processo de exosmose, transferem seus códigos genéticos para uma célula normal, que a seguir sofre uma mutação, tornando-se idêntica à célula B.*

Como era do seu costume, William estivera atento a todas as explanações de Jeniffer, analisava todas as reações dos presentes, pensava em sua equipe na superfície, nas providências que deveriam tomar a seguir e nas implicações que essa contaminação traria.

Seus pensamentos giravam freneticamente em seu cérebro, mas sua aparência estava calma e resoluta. Tinha total controle de suas ações, condicionado que estava, a agir e tomar decisões difíceis nas condições mais adversas.

— *Jeniffer, quantas pessoas estão a par desta situação?*

— *Por enquanto, somente os aqui presentes nesta sala e mais os cientistas que colaboraram nas análises comigo. Ao todo, umas quarenta pessoas. E, claro, todo o trabalho de análise foi isolado e determinado sigilo absoluto de todos os colaboradores.*

— *É imprescindível que mantenhamos assim, por enquanto, até decidirmos que providências devemos tomar a seguir. Imaginem essas informações alastrando-se sem controle pela tripulação. A revolução que causaria com todos procurando saber se haviam ou não consumido essa água, pondera William.*

— *Quando emitirmos o alerta, concomitantemente teremos que informar também quais são as medidas que deverão ser tomadas. E, Jeniffer, vocês fizeram alguma projeção sobre o que poderá ocorrer com nossos organismos ao ingerir essa água?*

— *Só podemos fazer ilações no momento. A única certeza é de que o*

*image
not
available*

- *Temperatura da cabine.... 22°C*
- *Velocidade.....: 6 nós*
- *Ângulo de mergulho.....: 25°*
- *Visibilidade.....: nula*

— *Comandante, tudo está sendo transmitido simultaneamente à ponte de comando da Estação, conforme suas ordens.*

— *Certo rapazes, acompanharei de lá, fiquem atentos. Desligo.*

Apesar de sua aparência serena e controlada, a mente de William era um turbilhão de pensamentos. A possível escalada daquela contaminação o preocupava. De que forma seria comunicado à tripulação? Qual o número de contaminados? Elementos que exerciam funções vitais nas operações da Estação poderiam ser afetados? Como substituí-los? Por sorte, tinha duas sumidades no campo da biologia, cientistas reconhecidas e laureadas que, por certo, seriam de grande valia naquele momento. E também Alyssa. Não era apenas jovem e linda, pensa William, tinha também um olhar profundo, que demonstrava saber sempre “algo mais”.

Embora esses pensamentos o preocupem bastante, tudo isso ficou para segundo plano, após o contato com sua equipe. O espírito desbravador e explorador nato que sempre foi e que o fez alistar-se na Frota, a ansiedade por novas descobertas o deixavam eletrizado. Como amava tudo aquilo!. Não fosse pela Jade e as “crianças” nem se importaria em voltar mais para a Terra. Gostaria sim era de seguir para a próxima Estação e trabalhar nas novas descobertas que já estavam sendo feitas na Lua de Saturno, Titã.

...Que será aquilo?...não é terrestre, com certeza. Já verificamos. Será que iremos detectar de novo o sinal?...estava muito fraco, mas era constante. Temos que achá-lo de novo...

— *Comandante William!.* Aquela voz grave e o sotaque inconfundível de Viktor interrompe bruscamente seus pensamentos, fazendo-o encarar aqueles olhos cinzentos que o fitavam interrogativos.

— *Sim, comandante Viktor, também preciso dizer-lhe algo.*

— *Comandante, minha equipe é a maior em serviço aqui na Estação. Além do quadro original de sessenta e três pessoas, o Comando enviou ao longo dos últimos meses, grupos sucessivos de engenheiros e técnicos para trabalharem nas obras de ampliação, como sabe.*

*image
not
available*

Com a agitação interior e com vários pensamentos entrecortados em sua mente, nem percebe que já saltou da plataforma e encontra-se em pé, no amplo saguão que os tripulantes apelidaram de “o quadrante”. Não sem razão, esse setor realmente ocupava todo um quadrante da formidável circunferência do corpo cilíndrico central da Estação. Aí estavam dispostos os vários elevadores que circulavam ágeis entre os nove andares da Estação.

Dirigindo-se a um dos elevadores, faz menção de levantar o braço para averiguar se sua tela já está com os dados atualizados, mas para a meio caminho. Diante da porta de um dos elevadores, em meio a alguns tripulantes, vislumbra um vistoso uniforme cinza, impecável, que não disfarçava as formas perfeitas de sua usuária. Estava totalmente centrada no que fazia, consultando ou digitando freneticamente o teclado virtual de sua tela. Mesmo de costas, aquela silhueta era inconfundível para William.

— *Alyssa !*

Os olhos negros de Alyssa voltam-se e encaram William, mas não demonstram surpresa.

— *Olá, comandante. Eu o tinha visto na plataforma alguns metros à minha frente vindo para cá, mas não quis incomodá-lo, senhor, pareceu-me que deliberava sobre assuntos muito importantes.*

— *Senhor, pode me dar só um segundo para completar meu relatório? ... com o sinal de anuência de William, termina agilmente a digitação que tinha interrompido e dispara a mensagem, com um gesto gracioso.*

Embora intrigado, William não conseguia sentir antipatia por essa mulher, mas mantinha sempre uma distância hierárquica conveniente quando dialogava com ela.

— *Percebo que deseja saber porque estou aqui e não no laboratório fazendo pesquisas com a comandante Jeniffer e Katherine, senhor. Diz, notando a fisionomia formal de William.*

William balança afirmativamente a cabeça.

— *Resolvemos de comum acordo, a comandante Jeniffer, Katherine e eu que devemos trabalhar diuturnamente a partir de agora nas pesquisas, estudos, levantamentos e nas atividades relacionadas à crise que enfrentamos.*

— *Elaboramos uma escala informal de trabalho para nos revezar e assim não interromper os trabalhos. Colocamos os cinco laboratórios da comandante Jeniffer e os outros cinco da comandante Katherine, que suspendeu todas as pesquisas que*

*image
not
available*

— *Olá querida! ...está linda como sempre. Adorei esse seu penteado...também estou com saudade de todos vocês. Mande abraços para os meus pais também. Logo que seja possível, não sei quando, penso em tirar um grande período de descanso. Curtir a Terra mesmo...com você e nossos filhos, numa grande viagem, quem sabe fazer o mesmo roteiro que meus pais farão agora...num enorme VPM, com todas as acomodações que temos direito. É meu sonho agora.*

— *Já iniciamos a exploração em busca daquele sinal. Decifrar logo esse enigma está se tornando uma obsessão para mim e, acredito, para todos aqui. Mas o que nos preocupa no momento é algo inusitado, que ocorreu a partir das últimas horas.*

— *Uma contaminação em um dos tanques de água e que provavelmente afetou vários tripulantes. Calma, eu não bebi dessa água, já chequei. Não temos nenhum caso aparente ainda, mas adotamos todas as medidas possíveis para combater isso.*

— *O Comando já está ciente e deve nos auxiliar também. Pelo que vi em sua mensagem esse fato não deve ter sido comunicado ainda às famílias, não é? Mas quero que se mantenha tranquila e confiante. Vamos vencer mais essa.*

— *Agora tenho que dirigir-me à ponte, querida, preciso acompanhar de perto essa missão. Amo vocês e não vejo a hora de voltar...beijos...até breve. Despede-se, fazendo o mesmo gesto de abraço de Jade.*

Desliga tudo rapidamente e gira sua poltrona para levantar-se. Em pé na entrada do reservado está Matheus, coçando de um modo característico sua barba ruça. Embora estranhando um pouco essa atitude do companheiro, William não se incomoda. Tinha desenvolvido nestes dois últimos anos uma amizade consistente com Matheus.

Sempre que era possível, faziam refeições juntos, trocavam ideias, faziam comentários sobre tudo. William conseguia muitas vezes relaxar nesses momentos, dando boas gargalhadas com ele. Achava-o astuto e sagaz e tinha também um dom nato, fazer imitações perfeitas dos demais companheiros, com seu vozeirão característico. E quando estavam a sós, esqueciam das formalidades e tratavam-se como dois amigos num bar.

— *Olá Matheus, o que houve?*

— *Desculpe William, sei que vinha para cá e então pensei em convidá-lo para comer ou beber algo. Gostaria de conversar um pouco. O que acha?*

William não continha mais a sua ansiedade em saber o que

*image
not
available*

caudaloso rio, o qual, como muito poucas coisas nesta nova era, conservou seu nome do passado, “Sena” e, mais à frente, os contornos escuros de uma alta torre de ferro, símbolo do que restou do antigo mundo.

Por entre as centenas de pessoas que transitam sobre aqueles pisos que conduzem ao cérebro da tentacular UEE, uma mulher alta e esguia dá passos largos em direção à porta do edifício.

Apesar do traje sóbrio e da pouquíssima maquiagem que costuma usar, é uma mulher bela e atraente nos seus quarenta e cinco anos. Ostenta uma aparência de vigor e autoconfiança e um olhar firme e resoluto.

Aproximando-se do suntuoso Hall de entrada, consulta rapidamente uma graciosa pulseira de metal cinza e constata a hora de sua chegada: 13:52:03 hs.

Não havia como burlar a segurança desse local, seu corpo já havia sido escaneado diversas vezes ao longo do trajeto que fizera até atingir aquele comprido balcão onde agora estava. Atrás dele, diversas atendentes belíssimas, com seus uniformes impecáveis, recebiam todos com sorrisos amáveis e tendo nas telas à sua frente, todos os dados do visitante.

...” *seriam também andróides?* Pensa Jade.

— *Boa tarde e seja muito bem vinda, Dr^a Jade!. Já registrei o horário de sua chegada e estou adicionando agora ao seu protocolo, autorizações para transitar nos níveis um, dois, três e quatro, que incluem o grande auditório onde acontecerá a reunião para a qual foi convocada. Se precisar de algo ou de alguma informação é só acionar nossas assistentes que estão distribuídas nas principais passagens. Obrigada e tenha um bom dia !.*

Jade conhecia bem o edifício. Já participara de inúmeras reuniões ali. Algumas vezes procurava chegar adiantada, como hoje, para encontrar velhos conhecidos e conversar informalmente não só sobre seus trabalhos, como também de suas famílias, condições de vida em suas respectivas Colônias e tudo o mais, fosse relevante ou não. Jade se interessava por qualquer assunto e, por isso, era uma companhia agradável, simpática e querida por todos.

— *Dr.^a Jade, quer que eu leve sua pasta e a deixe no seu local de reunião?, pergunta uma solícita assistente ao seu lado...assim poderá ficar com as mãos livres...*

— *Não, senhorita, vou utilizá-la antes da reunião, obrigada.*

— *Temos um excelente café no salão ao final deste corredor, Dr^a Jade, sabemos que gosta, mas se preferir outra coisa é só pedir...*

A menção do café faz Jade sentir o seu aroma inconfundível. Sentiu

*image
not
available*

cultura da região de onde se provinha. Isso tornou-se possível, após o advento dos tradutores instantâneos.

Romain tinha uma admiração não só pelo trabalho de Jade, mas era indisfarçável também a atração que ela exercia sobre ele. E isso o intimidava, tornando-o ainda mais tímido quando conversava com ela.

Em ocasiões anteriores, conversavam animadamente na sua língua natal, pois essa era uma das que Jade também dominava e, com certeza, ela o fazia para deixá-lo mais à vontade.

Faz um gesto levando a mão ao peito, indicando a Jade que desligava o seu intercomunicador e conseqüentemente o seu tradutor instantâneo. Jade entendeu que queria conversar na sua língua tradicional e também desligou o seu.

— *Oh! Dr^a Jade, estou bem sim, e a senhora como está?*

— *Bem, Dr. Romain, na medida do possível...*

— *Sim, sim, deve estar apreensiva com os acontecimentos que envolvem seu marido no espaço. Acompanho com especial interesse as notícias que chegam de lá. Aliás, além da reunião da qual participaremos hoje, estou aqui também para colaborar na adaptação da última geração de andróides da UEE às exigências solicitadas justamente pelo seu marido, o comandante William, ao Comando da Frota. ...diz isso em tom confidencial, baixando o tom de voz e com um leve arquear da sobrancelha, movimento quase imperceptível que executava involuntariamente, mas que não passava despercebido a Jade.*

Ela o achava polido demais, atencioso ao extremo e sempre procurando dar-lhe respostas agradáveis. Punha isso na conta da vida excessivamente retraída de Romain e no seu convívio social bastante limitado. Era o que diziam. Notara que tinha olhinhos bem vivos e ligeiros também e que naqueles momentos da conversa em que não olhava diretamente para ele, sentia o seu olhar perscrutar ora as linhas de sua blusa, ora os contornos da saia...

Jade considerava-o inteligente e sagaz. Seu trabalho era respeitado e abrangia uma área pela qual sempre teve interesse. Em algumas conversas que tiveram, obtivera informações importantes, dúvidas que surgiam relacionadas ou não ao seu próprio trabalho. Algumas, inclusive, dadas com aquele inevitável arquear de sobrancelha. Tinha a impressão de que muitas daquelas informações dadas a ela, eram realmente confidenciais e de um nível de acesso acima do seu.

— *Meu caro Dr. Romain, seu trabalho é de suma importância para a UEE e por certo, sua colaboração será decisiva para o Comando da Frota....* responde, notando estar ficando impaciente ali em pé, conversando com ele. Com um movimento suave, consulta sua pulseira cinza.

*image
not
available*

largo.

...”. *Este elevador deve acomodar mais de cinquenta pessoas*” ...pensa Jade...” *mas lembro de ter visto outros menores*” ...

Vários pensamentos percorrem sua mente naquele momento. Pensa em William...” *porque não enviou mensagem até agora...será que Estefani e Pietro serão liberados na Academia neste final de semana... essa reunião! agora já sei do que se trata...Rhina surpreendente...poderá ser uma mulher um dia?* Neste momento, olha para Romain, empertigado ao seu lado.

....“*esse homem é mesmo apaixonado pelos androides. Trata-os como se fossem filhos. Sua casa está cheia deles.*” Uma ideia bizarra percorre seu cérebro, como uma centelha elétrica... “*parece até que está casado com uma!!...isso explicaria muita coisa...*”

Não consegue deixar de esboçar um sorriso e para disfarçar, vira-se para Romain dizendo:

— *Precisamos conversar mais sobre assuntos que agora me vieram à mente, Dr.Romain, mas deverá ser em um momento mais oportuno.*

— *Mas é claro, doutora, quando quiser....*

A lotação completa-se, a porta desliza sem nenhum ruído. Uma voz sobre todas as cabeças anuncia:

— *Boa tarde, doutores, seus acessos estão liberados para o nível quatro, o anfiteatro. Estarão lá em segundos.*

Cercada por inúmeras pessoas, o diálogo com Romain fica impossível. Permanece quieta, divagando...”*será que isso era possível?...ele seria capaz?...lembrou-se de ter perguntado a Rhina...”você poderia desempenhar o papel de esposa?*”, mas isso foi em tom jocoso, o que queria era testar a vivacidade, a presença de espírito e o quanto ela estaria preparada para enfrentar questões inusitadas como essa. Mas foi a cândida resposta de Rhina que surpreendeu-a...”*sim, com algumas modificações....*”

E Romain lhe falando em avanços ainda mais espetaculares! lembrou-se de suas palavras à pouco: — “*não podem ser impostos limites à ciência!*”

Jade começa a pensar que esse homem tem uma importância e uma influência nas pesquisas da UEE muito maiores do que aparenta.

O que almejam?, qual é a meta que buscam alcançar, degrau por degrau, conforme diz Romain?...criar um mecanismo em tudo semelhante ao Homem...um substituto?.

Os pensamentos de Jade fluem vertiginosos....”*em futuro próximo, terão que ultrapassar as fronteiras da ética e da moral. Tudo deverá ser repensado, debatido com a sociedade...*”. Lembra-se de Elizabeth, já havia se inteirado de diversos artigos dela na mídia, exatamente sobre

*image
not
available*

com seus comentários sempre bem humorados e com impropérios que de vez em quando proferia em um dialeto que ninguém entendia, mas que causavam risos, pelas mímicas que fazia. Nem notou os olhinhos ávidos de Romain cravados em sua direção.

Jade estava agora com sua atenção totalmente voltada para o centro da plataforma, para aquela figura carismática que atraía todos os olhares.

— *Quero que olhem alguns minutos para o holograma aqui ao lado*, diz, apontando com o dedo indicador direito em riste para um ponto ao alto e à direita de onde estava.

Imediatamente as imagens começam a fluir no holograma, como um flashback. A avançada tecnologia dos tempos modernos permitiu a recuperação de um enorme acervo de arquivos, documentos e imagens de toda sorte, flagrantes emocionantes que retratavam a sociedade das eras antigas, que foram de alguma forma, salvos da destruição.

Tudo havia sido digitalizado e transferido para a tecnologia dos hologramas e hoje esses arquivos fazem parte do grande sistema de informações do Planeta, podendo ser acessados por qualquer pessoa, em qualquer lugar. É considerado um patrimônio da Humanidade.

A sequência vertiginosa de imagens transmite aos presentes, aspectos marcantes sobre as tecnologias do passado, sobre a vida nas grandes cidades abertas de antigamente, apinhadas de pessoas, fábricas produzindo, usinas hidrelétricas e atômicas, florestas e matas, há muito extintas.

A seguir, as imagens começam a dar ênfase à trajetória do Homem rumo ao seu maior e mais almejado sonho, a exploração do espaço. Segue-se uma sucessão de imagens mostrando construções gigantescas de telescópios, radiotelescópios, telescópios espaciais e os lançamentos dos primeiros satélites artificiais, sondas, orbitadores e naves para explorar os planetas do Sistema Solar e de suas luas.

O marco inicial dessa trajetória é mostrado com imagens gravadas no longínquo ano de 1957, à quase quatrocentos anos! – o lançamento do primeiro satélite artificial a circundar a Terra, o “Sputnik”. Depois aparece Yuri Gagarin, o primeiro astronauta, no “Vostok I”, seguindo-se uma sequência alucinante de inumeráveis lançamentos das “Mariner’s”, “Pioneer’s”, “Galileo”, “Voyager’s” e “Cassini” partindo para explorar os planetas mais distantes, Júpiter, Saturno, Netuno....

Neste instante, o holograma começa a falhar, entrecortar imagens, tremular, até por fim, congelar-se numa imagem cinza, indistinta, sem significado algum. Todos os olhares voltam-se para G.Miller, postado no centro do palco.

— *Não, não é defeito, senhoras e senhores...o que aí nós pretendemos representar é que naquela altura do desenvolvimento*

*image
not
available*

pela mídia, todavia, os avanços extraordinários que vimos obtendo no campo da robótica nos últimos anos, que de certa forma, estão ligados àquelas áreas citadas, não vêm sendo expostos da mesma forma.

— Assim, vimos gerações após gerações de andróides sucedendo-se, cada vez mais aperfeiçoados, cada vez mais autônomos, cada vez mais inteligentes, com gerações anteriores sendo substituídas e destruídas, sem contudo, divulgarem-se quais progressos foram incorporados, quais propriedades foram implementadas. Apenas entram em operação, substituem o outro e pronto. Notaram ?.

— Não por vontade da nossa Corporação, mas por “solicitação” do Governo Central e do Comando da Frota, que lançaram a nós e a outras corporações do Planeta, o desafio de atingirmos a perfeição máxima da inteligência artificial, um andróide comparável em tudo ao Homem.

— Um andróide que pudesse ser o tripulante de uma espaçonave visitando os confins do Universo...não só transmitindo dados, como uma máquina, um computador...mas tendo as mesmas sensações, as mesmas visões, as mesmas emoções...enfim, os mesmos “sentimentos” de um ser humano...

— Esses andróides nos trariam a visão do futuro, onde estivessem, e suas informações sim, seriam confiáveis para nós, humanos. Talvez eles seriam os primeiros a chegar a algum mundo novo, a uma nova morada para a Humanidade.

— Esse é o objetivo do Comando da Frota, com esse projeto, senhores. E o que podemos dizer neste instante é que algumas unidades específicas, com os últimos avanços obtidos, já foram empregadas por ele em missões “confidenciais” que ainda não divulgaram.

— Tudo que ouvirem, não é de domínio público, muito embora, dentro em pouco, os senhores e as senhoras poderão deparar-se, inseridos no seio da sociedade, com uma geração “muito especial” de andróides.

G.Miller falava com emoção essas palavras, eletrizava sua plateia, todos os olhos e ouvidos eram para ele. Nenhum ruído, nada parecia se mover, o silêncio era total, aguardando a sua voz, o seu próximo movimento. Todos pareciam aguardar uma grande revelação...

Olhando para todos à sua frente, G.Miller lentamente vai dando alguns passos para trás, até atingir o centro da plataforma.

— Solicito agora aos senhores vice-presidentes, que subam a esta plataforma, por favor...

Um a um, os cinco vice-presidentes se aproximam de G.Miller, formando um semicírculo ao seu redor.

— Como sabem, cada uma destas pessoas, diz, apontando para o grupo, têm sob seu comando, dez diretorias, que por sua vez coordenam

*image
not
available*

por “solicitação” do Comando da Frota e “carregados” com formações específicas, determinadas por eles. Só sabemos que estão em plena operação, mas não nos informaram sobre suas destinações. Como o Comando da Frota nada exigiu quanto à aparência dos mesmos, nós os criamos à imagem de alguns de nossos principais cientistas, que têm suas identidades resguardadas.

— Por fim, senhores, era chegado o momento de mostrar-lhes o resultado destes quatro anos de trabalho árduo. Só concordei com que Georg fosse criado à minha imagem, porque foi, disseram, uma unanimidade da equipe.

— Passo a passo, foi sendo transferida toda a trajetória de experiências que tive, desde pequeno, através dos implantes subsensoriais que já empregamos nas gerações anteriores. Todo aprendizado que tive, todos os cursos, todas as especializações foram carregadas nele.

— Agora, Georg é um “homem” completo e estaria pronto para viver a sua própria vida, independente. Posso até dizer que ele possui capacidades superiores às minhas, pois o cérebro de que dispõe, antes mesmo de receber a “transferência” das minhas experiências, já tinha sido alimentado com todos aqueles dados básicos que lhes citei antes, como a estrutura e o funcionamento de nossa sociedade, de nossas leis e regulamentos, nossos costumes e cultura, história da humanidade através dos tempos, conquistas espaciais, etc., etc., além de inteirar-se de toda a tecnologia moderna de que dispomos, como funcionam e como se opera...

— Até aqui, convivemos juntos, portanto, temos praticamente as mesmas experiências do dia a dia, podendo-se dizer que somos iguais, porém, na hipótese de nos separarmos, cada um passaria a viver seus próprios eventos e certamente, após determinado período, nos tornaríamos, embora semelhantes em aspectos de caráter e índole, pessoas diferentes.

— Georg teria todas as condições de sair daqui hoje, como todos os senhores, e ter uma interação total com os humanos, em todos os sentidos.

— A emoção que senti, lá atrás, no momento da visão da Estação Europa, foi exatamente a mesma que ele sentiu aqui, com os senhores. O mesmo sentimento de dor, de perda, de saudade está duplicado nele.

— Senhoras e senhores, Georg representa aqui, o estágio supremo da tecnologia robótica até este momento e todos os senhores participaram desse resultado. Entretanto, estamos longe de dizer que chegamos ao último degrau do seu desenvolvimento. Devemos continuar o trabalho, pois faltam ainda algumas metas a atingir...

*image
not
available*

pouco à sua frente...seus olhares se cruzam e Georg se aproxima....—
deve estar cansado G.Miller, é hora de encerrar...

— *Falta pouco Georg, vamos concluir.* Enquanto respondia a Georg, teclava automaticamente na sua tela.

— *A próxima pergunta é sua, Dr.Ferraz.*

— *Dr.G.Miller, vimos aqui que a “geração Georg” está apta a conviver com humanos, numa condição nunca antes alcançada, diria mesmo, com algumas ressalvas, de igual para igual. Vimos também que, na formação básica de seu cérebro, conjuntamente com tudo que lhe é “carregado”, também são incutidas aquelas informações que chamou de “sutis”, a respeito da anatomia humana, diferenças de gênero, sexualidade, etc., etc. desculpe alongar-me, Dr.G.Miller, mas acredito ser de suma importância o que vou perguntar a seguir: o senhor acredita que, com essa interação cada vez mais íntima conosco, humanos, e com esse convívio comum, é possível esperar-se um relacionamento sexual entre nossas espécies?...e eles estão aptos para isso?*

G.Miller já aguardava por essa pergunta e estranhava que ainda não tivesse sido feita. É um tema sensível e difícil de ser tratado e é um daqueles que inquietam a sociedade. Sua discussão implicará, inexoravelmente, em profundas mudanças no seu comportamento. Apagam-se a maioria dos sinais luminosos. Teria de alongar-se na resposta....

— *Todos nós aqui neste ambiente somos cientistas, com mentes superiores e, certamente, entendemos que a sexualidade, com todas as suas sutis nuances e suas diversificadas formas de expressão é puramente um fenômeno cerebral, psíquico, muito antes de ser uma forma física, biológica apenas.*

— *Em nós, humanos, ela faz parte de todas as fases de nossa vida, da infância até ao final. É uma das forças importantes que colaboram na construção da consciência do ser, como indivíduo...*

— *Em Georg e sua geração, após a implantação do extraordinário incremento agregado em seu córtex cerebral, que lhe deu uma dimensão existencial, como poderia esse cérebro, que recebera os valores básicos de respeito, compreensão, percepção das diversidades e particularidades de cada indivíduo, homem e mulher, de desenvolver ‘empatia’ que é a capacidade de colocar-se no lugar de outrem e sentir o que ele sente, de entender as diversas formas de amizade, de afeição, de amor, de lealdade, honra e dignidade....sem que mergulhasse profundamente em todas as dimensões da sexualidade?...*

— *O seu cérebro superior é que lhe dá a imagem da sua própria sexualidade e comanda o seu comportamento sexual, em sua expressão masculina ou feminina...*

*image
not
available*

chance de abordar aspectos diferentes, que passaram a intrigá-la ainda mais, com essa “geração Georg”...

....”*aptos para exercerem funções sexuais...*”

....”*poderão interagir com humanos sexualmente...*”

....”*poderão interagir entre si também?....acredito que sim...*

....”*poderão um dia virem a “procriar”?...será que isto está naquelas metas?...*

....”*poderá existir casamento entre as nossas “espécies” e também entre si?...lembra de RomainI...aquele homem deve ter servido de cobaia...*

...”*poderão num futuro próximo se auto construírem, ou melhor, se auto replicarem, sem auxílio do homem que os criou? ...*

....”*como seria a sociedade, num futuro próximo, onde a maioria da população poderia ser de robôs...?*

....”*e o homem, continuaria a ser superior a eles?...e se não?...*

Pensamentos inquietantes povoam a mente de Jade. Lembra-se de Elizabeth...vou tentar conversar com ela. Temos muito que conversar...ela com certeza já sabia sobre o rumo que isto estava tomando...temos que envolver a sociedade...traçar novas diretrizes...impor certos limites, sim, foi isso que ela escreveu...

Para Jade, muito mais que uma nova geração de andróides, a UEE havia criado uma nova espécie de seres inteligentes, que num futuro próximo, tornando-se independentes em definitivo do homem, poderiam criar uma nova “casta”, disputar espaço com ele, competir e até despertar na sociedade, ânimos segregacionistas, há muito soterrados....

Navegando no espaço, sonhando em descobrir novos mundos, novas moradas, o Homem pode estar construindo aqui, em sua própria casa, o instrumento que poderá assenhorear-se de tudo, voltar-se contra seu criador e acabar por destruir sua espécie.

Ela era racional, o alarmismo não fazia parte de sua cultura, tudo o que estava fazendo era pensar nas possibilidades plausíveis, como uma cientista que era. Sabia que a UEE tinha planos mais ousados para inserir essa nova geração na sociedade.

As gerações anteriores já ocupavam postos importantes na medicina, na engenharia, em grandes complexos industriais, nas pesquisas científicas, com seus “assistentes” participando de tudo, nos vários sistemas de segurança das Colônias e nas bases extraterrestres e, inclusive, já começavam a contar também com astronautas nesse grande exército de andróides...

O que faria essa geração e outras mais avançadas ainda, quando a UEE alcançar aquelas outras metas, e vai alcançá-las, com todo esse controle nas mãos? o que poderíamos esperar do futuro da nossa espécie?

*image
not
available*

— Entendido capitão Gerard, logo estarei aí, mas transmita aos operadores da sonda que redirecionem a sua trajetória e tracem rota de aproximação à fonte sonora, com submergível em velocidade máxima...

— Peça que recalquem tudo e nos informem estimativa de chegada ao alvo...

— Entendido, comandante, desligo.

— Parece que temos agora, um pequeno espaço de tempo para gravarmos o holograma e enviá-lo ao Comodoro, avisa William.

— Esperem, estou recebendo uma chamada urgente de um dos meus assistentes que está no atendimento da enfermaria. Katherine aciona o intercomunicador e o coloca em viva-voz...

...a situação está se agravando de maneira mais rápida agora. O metabolismo dos infectados está acelerado e provocando mudanças mais visíveis. Os batimentos cardíacos estão diminuindo drasticamente, as pupilas desapareceram e os globos oculares começaram a mudar para um tom escuro. Mas o principal é a temperatura !...baixamos para -5°C e isso ainda não é suficiente para estabilizá-los...precisamos que venha para cá urgente, doutora, para coordenar os trabalhos...

— Estou a caminho!

Alyssa e Jeniffer acenam que a acompanharão.

— Alyssa, comece a relatar tudo para o comando. Reforce o pedido para que enviem substitutos o mais brevemente possível para os tripulantes contaminados, em especial alguém com as qualificações específicas do comandante Viktor. Avise também que não enviaremos nenhum holograma até nos inteirarmos da situação. Vamos rápido para a enfermaria, vou lá também...voltando-se para Matheus, Akira e Faruk, William recomenda:

— E os senhores podem voltar para as atividades conforme havíamos planejado antes, mas fiquem mais alertas ainda, pois não sabemos o que vamos enfrentar.

A enfermaria havia sido adaptada, num dos extremos inferiores da Estação. Para lá foram transferidos todos os recursos dos laboratórios de pesquisas, que agora se dedicavam inteiramente na busca de possíveis tratamentos para debelar a contaminação.

Na parte frontal da enfermaria a atividade dos cientistas era frenética. Na parte posterior, uma ampla parede envidraçada separava a área dos pacientes internados, com duas longas fileiras de leitos, separados por um largo corredor.

Atendentes portando vestimentas especiais contra o frio ambiente circulavam ao lado dos diversos leitos.

— Que bom que chegou, doutora, veja estas últimas leituras...Katherine pega a tela do assistente e inteira-se da situação,

*image
not
available*

William procurava acalmar Katherine e seu assistente.

— *Entre aí, Katherine e coloque toda a sua equipe para desvendar isso e encontrar as respostas e propor as medidas...que deveremos tomar.*

..

William mal pode terminar a frase. Toda a Estação foi tomada por um clarão fulgurante por alguns segundos, como se o Sol houvesse penetrado através dos escudos protetores, ao mesmo tempo em que sentiam um leve tremor sob os pés.

— *Acabo de ser comunicado de algo de natureza extrema que está ocorrendo e tenho que dirigir-me à ponte, mas peço que me informe de tudo, ok?. Colocaremos tudo que for necessário para você e sua equipe.*

Sai em disparada em direção aos elevadores.

Todos em seu caminho perguntavam o que estava ocorrendo, porém William, com o coração disparado em seu peito e a ansiedade em seu grau máximo, somente acenava pedindo calma, o que naquele momento, nem ele possuía.

O comando central possuía a maior plataforma de observação da Estação. Era grande o suficiente até para a atracagem de uma nave auxiliar.

William encontra todos do comando ali, extasiados, olhando em direção daquele objeto negro e reluzente.

— *Capitão Gerard, quanto tempo faz que esse objeto chegou?...*

— *Do instante do clarão até agora, transcorreram 4 minutos, comandante...*

— *Nenhum sinal de atividade?*

— *Nada até agora, senhor...*

— *Capitão, transmita um sinal para todos os comandantes virem para cá imediatamente e peça para o seu pessoal reassumir os seus postos, pois agora é primordial que tenhamos o controle de todos os sensores da Estação.*

O intercomunicador de William o alerta sobre vários chamados simultâneos.

— *Fale Katherine, sei que vai ser difícil você vir para cá agora. Mas venha tão logo seja possível.*

— *Era isso mesmo que eu iria lhe dizer, William, mas vou liberar a Jeniffer e a Alyssa agora mesmo. Todavia, era outro o assunto que queria comunicar-lhe...outros dois tripulantes acabaram de chegar aqui, também infectados, apresentando os mesmos sintomas iniciais da contaminação...tivemos que providenciar um local separado para eles, devido diferença de temperatura. Porém, notamos que o processo destes está muito mais acelerado, parecendo que procuram chegar ao mesmo estágio dos outros no menor espaço de tempo...*

*image
not
available*

— *Matheus, essa nave, com certeza, viaja a velocidades superluminais...*

— *Como pode, William, nossa ciência nos faz acreditar até agora, que a velocidade da luz é a máxima que qualquer objeto pode alcançar!!!*

William aciona sua tela translúcida e acerca-se de Matheus.

— *Matheus, veja aqui. A Estação Titã emitiu o aviso sobre essa nave, às 11:32:03 hs. Sabemos que a comunicação, viajando a velocidade da luz, demora 36,2 minutos. Portanto, o aviso chegou à nossa Estação às 12:08:23 hs, correto?*

— *Sim, William, está aí o registro disso.*

— *Isso mesmo, Matheus, só que a nave já estava posicionada ao lado da Europa às 11:43:28 hs. Essa nave cumpriu a distância em menos da metade do tempo, portanto, viajando acima da velocidade da Luz.*

— *William, e se forem duas naves?*

— *É pouco provável, Matheus, é mais certo pensar que estamos diante de civilização altamente desenvolvida e que já ultrapassou essa parte da ciência.*

— *Se for isso, nossa ciência deverá mudar alguns conceitos!...*

— *Ora Matheus, nossos cientistas já vislumbraram essa possibilidade, só não conseguiram ainda, alguma demonstração prática, salvo com determinadas partículas do átomo. Nesse instante o intercomunicador de William é acionado.*

— *Comandante, capitão Gerard. Estamos detectando um feixe poderoso de escaneamento em toda a Estação. Tudo foi escaneado, inclusive o sistema de armamentos e também o motor de antimatéria que ainda nem testamos.*

— *Tudo bem, Gerard, alguma atividade em torno da nave?.*

— *Nada ainda.*

— *Gerard, faça uma escala entre os comandantes e oficiais para fazer um monitoramento ininterrupto da nave, no comando central, ok?*

— *Será feito, senhor. Desligo. Outra comunicação já aguardava William.*

— *Comandante, tenente Robert falando. O submergível detectou um movimento de ascensão da nave rumo à calota de gelo. É uma subida vertical, a velocidade muito superior à máxima alcançada pelo nosso submergível. Em poucos minutos já alcançará a calota e seus lasers começarão a abrir caminho no gelo.*

— *Certo, tenente. Comande ao submergível monitorar toda essa operação até onde for possível, depois ordene para voltar à base. Comece então, a monitorar a superfície do satélite para determinar em*

*image
not
available*

Estação lá em cima, onde nosso filho está agora, mas não conheço grande parte do meu próprio Planeta!...pelo menos, poderei conhecer um pouco dele agora.

Alana coloca a mão sobre a de MATTEO, que segura firmemente a caixa.

— *Muito bem, MATTEO, vamos curtir juntos então. Vou é tratar de juntar mais coisas para levar, pois acho que estou atrasada em relação a você. Sobrou algum espaço para mim?...os dois riem juntos.*

— *Bem, deixa eu guardar meus brinquedinhos então, depois, encerramos por hoje. Conversou com a Jade e a Elizabeth?*

— *Não. A Jade ainda estava na reunião da UEE e, segundo a Rhina, voltaria somente depois das dezenove horas. A Elizabeth deve me retornar ainda hoje. E, por falar na Rhina, MATTEO, que tal levarmos a Gheny conosco? ... há bastante espaço no VPM e eu poderia ajeitar um alojamento para ela. Você sabe que ela me é muito útil...*

MATTEO não queria, mas já esperava por isso. Não gostava de contrariar a esposa, que tornara-se cada vez mais dependente de sua auxiliar, pois ela lhe executava todas aquelas tarefas domésticas de que não gostava, além de ajudá-la em pesquisas quando preparava alguma tese, pois ainda continuava, embora aposentada, ligada aos meios acadêmicos.

Ele nunca discordou da utilização de robôs, em todas as atividades humanas. Achava-os ferramentas importantes, principalmente naquelas tarefas as quais nem o próprio homem tinha condições de executar. Durante seu trabalho no espaço, tinha tido a oportunidade de trabalhar com vários deles, de diferentes níveis de especialização, inclusive, mais recentemente, com andróides inteligentes, em tudo semelhantes ao homem.

Entretanto, tinha desenvolvido uma convicção própria, ao observar que o progresso vertiginoso, o avanço desenfreado da indústria robótica nestas últimas décadas, ia inserindo na sociedade, gerações e mais gerações de andróides, cada vez mais inteligentes e também... mais independentes.

Vinha notando uma quase imperceptível mudança nos hábitos das pessoas, nestes últimos anos, que passaram a delegar, a transferir tarefas e a substituir funções próprias do ser humano para seus andróides. Era agora, muito visível, a dependência que a maioria das pessoas tinham de seus “auxiliares”.

Tivera longas discussões sobre esse tema nas reuniões de família, com parentes, com antigos companheiros de trabalho e muitos o ridicularizavam, achando-o contrário ao avanço da ciência. Outros concordavam com seus argumentos e alguns passaram a pensar no

*image
not
available*

— *Ah! Dr^a Alana, já que falamos a pouco, de coisas “marítimas”, sugiro incluir “peixe” no cardápio, o que acham?* disse, frisando bem as palavras “marítimas” e “peixe” e com um rápido e indefinível olhar na direção de MATTEO.

— *Ah,ah,ah, muito bem Gheny, aprovado. Vejo que MATTEO terá que explicar-me melhor o tal de “protocolo marítimo”, pois noto que isso te incomodou bastante...*

Era visível a satisfação de Gheny, observando MATTEO pasmo, ao lado de Alana.

— *Agora, Dr^a Alana, posso continuar naquelas pesquisas que pediu?. Depois irei preparar a sala para o jantar...*

— *Mas claro, Gheny, pode ir sim, muito obrigada.*

Gheny retribui com um pequeno aceno de cabeça, vira-se e encaminha-se para a porta, que transpõe e, a seguir, fecha-a atrás de si.

— *Alana, essa androide tem propriedades incomuns. Diria até que possui uma inteligência superior em relação às outras auxiliares que te serviram. Hoje, pude observar certas características muito peculiares nela, como ironia, sarcasmo e até um senso de humor...atributos que sabemos, não se pode esperar de uma máquina! , e sempre vejo você tratando-a como se fosse uma pessoa, um ser humano, uma amiga!. Até onde ela pode chegar e o que ela pode realmente fazer...nós temos que saber, Alana.*

— *Oh, MATTEO, por conta da natural antipatia que sentia por ela, desde o primeiro momento, você deixou de conhecê-la melhor. Nunca interagiu com ela, sempre se comunicando por monossílabos e eu notava o seu esforço para agradá-lo, sempre em vão. Hoje, pelo visto, conversou um pouco a mais com ela e ficou surpreendido!*

— *Nunca subestime a minha inteligência, MATTEO. Sei que é uma máquina, um robô, programado para servir, sei o que foi “carregado” nela e sei como tirar o proveito máximo de tudo o que me interessa.*

— *Embora seja um equipamento altamente sofisticado, complexo, que imita, repito, imita, com perfeição o ser humano, não possui sentimentos, emoções...falta-lhe uma essência...uma alma.*

— *Por isso, MATTEO, nunca vou considerá-la uma “amiga”, ou um ser humano e, quando converso com ela, faço-o de maneira natural, demonstrando emoção e sentimentos próprios daquele assunto tratado, pois sei que ela está registrando e vai imitá-los, quando achar conveniente. E, nessas nossas conversas, se prestasse atenção, MATTEO, veria que na realidade estou lhe passando “comandos”, às vezes subliminarmente, nas entrelinhas, ou diretamente.*

— *Como todo engenho complexo, para operá-lo, temos que interagir com ele, aprender com ele, errar com ele. É um longo*

*image
not
available*

interagido com aquele ambiente, tão diverso daquele em que foi criado...como conseguiu alimento...proteção. Sua preocupação maior agora era com MATTEO. Sabia que ele já deveria estar planejando alguma forma de iniciar a procura. Conhecia-o bem e sentia que não delegaria essa missão a ninguém. Mas, e os riscos de tal empreitada?...poderia perdê-lo também...

— *Calma MATTEO, agora, que sentimos a possibilidade de nosso filho estar vivo, temos que fazer de tudo para manter nossa tranquilidade, conter essa ansiedade que nos impele a já começar hoje mesmo a procura. Vamos ter que ser racionais e avaliar muito bem os riscos envolvidos. Mesmo que descobríssemos o local exato em que ele fez a passagem, será que se pode transpô-la novamente?...sem danos?...ileso?. Não quero nem pensar que Jerome pode ter desaparecido nessa passagem, como aconteceu antes, mas temos que considerar essa hipótese.*

Alana continuava sua argumentação, numa tentativa de alterar a disposição que já sentia no marido, sentado, silencioso ao seu lado.

— *E, mesmo pressupondo-se que se chegue incólume ao outro lado. O que fazer, então?. Como achar pistas do paradeiro de uma pessoa, depois de tantos anos? Que informações se tem desses lugares?... pelo que sabemos, é totalmente selvagem, com animais terríveis, perigos de toda espécie, pode haver doenças graves, que não tiveram as suas curas milagrosas que a nossa moderna medicina obteve. E se houverem ainda, perambulando por lá e é, absolutamente correto pensarmos que sim, descendentes dos homens primitivos, abandonados pelas sociedades antigas à própria sorte? Como sobreviveram e em que condições?. Como evoluíram...se evoluíram...houve mutações na espécie?. Infelizmente, MATTEO, a nossa sociedade moderna nunca se interessou e nem se interessa por esse mundo perdido, na verdade até o temem, considerando-o um foco de doenças, pragas e infecções de toda sorte, que poderiam contaminá-la.*

— *Nada me faria mais feliz, MATTEO, do que poder um dia, rever o meu filho. Seria o fim desta angústia, desta incerteza, mas, se para isso, tiver que correr também o risco de perder o meu marido, então, jamais concordaria com isso. A menos que, ambos, isso mesmo, nós dois juntos, participemos de tudo, de todos os riscos. Por isso, MATTEO, quaisquer que sejam os planos mirabolantes que está planejando agora, eu vou participar deles também...nem tente argumentar...você me conhece bem. Ou fazemos tudo juntos, ou então, não faremos nada...*

MATTEO mantivera-se quieto e silencioso, ouvindo todas as ponderações de Alana, mas também, e como ela o conhecia bem!, estivera traçando várias estratégias que poderia tomar. Já decidira, não